ACAMPAR

BOLETIM INFORMATIVO DO CLUBE DE CAMPISMO DO PORTO - SÉRIE IV - ANO IX - N.º 32

ABRIL/SETEMBRO 2006 – 1,50 EUROS – PUBLICAÇÃO TRIMESTRAL

EXPONOR
FEIRA INTERNACIONAL DO PORTO

www.campisport.exponor.pt

ufi

CAMPISPORT
EXPOSIÇÃO DE CAMPISMO, CARAVANISMO E DESPORTO

www.nautica.exponor.pt

ufi

NÁUTICA
SALÃO NÁUTICO INTERNACIONAL

Sabores de Natal
www.bluefairs.net

Expo-Chocolate
www.bluefairs.net

Porto Gastronómico
www.bluefairs.net

25 NOV – 03 DEZ 2006

EXPONOR - Feira Internacional do Porto - 4450-617 Leça da Palmeira • tel: 808 301 400 • fax: 229 981 482/337 • info@exponor.pt • www.exponor.pt
Lisboa: tel: 213 826 730 • fax: 213 826 734 • info.lisboa@exponor.pt • Leiria: tel: 917 578 547 • fax: 244 765 374 • info.leiria@exponor.pt

AEP

Editorial

Cá estamos de novo, com a nossa edição alargada pós-férias, e damos as boas-vindas aos novos colaboradores, que paulatinamente, lá vão aparecendo uns e regressando outros. Não recebemos nenhum comentário ou sugestão, no tocante às alterações introduzidas na nossa Revista, pelo que presumimos terem sido do agrado dos leitores. Vamos tentar continuar a melhorá-la.

Conforme se pode ler na contracapa, vai o nosso Clube, organizar pela segunda vez, a Marcha Nacional de Veteranos. Eis uma óptima oportunidade para rever os Amigos que partilharam com muitos de vós as alegrias e aventuras de uma juventude, para alguns já distante. Não hesite. Venha viver connosco a "Festa do Veterano".

Uma palavra de Saudade e Respeito para um Amigo que nos deixou.

O Companheiro Júlio Almeida Costa. Tive a honra de poder com o Júlio, privar alguns bons momentos. Durante vários anos Director da *Revista Campismo*, foi sempre um grato prazer dar-lhe a minha colaboração. Nos anos mais recentes pude apreciar o denodo e empenhamento com que, de uma forma desinteressada mas apaixonada, se envolveu no, por vezes atribulado, dirigismo federativo. O seu trabalho na vice-presidência da FCMP ficará, estou certo, na memória de muitos. À família, as nossas sinceras condolências.

Jorge Agostinho
revistaacampar@ccporto.pt

Sumário

Direcção 4
Opinião 8
Secção Montanha 10
Secção Pedestrianismo 12
Secção Cicloturismo 14
Activ. Montanha 17
Activ. Pedestrianismo 22
Acampamentos 24
Activ. Culturais e Recreat. . . . 28
Cultura 33
Correio Leitor 35
Roteiro Viagem 37
Vende-se 40

Colaboraram neste número:

- Alcino Sousa (texto)
- Alfredo Correia (texto e foto)
- Aníbal Artur Silva (texto)
- António Nunes (fotos)
- Direcção
- C. Azevedo (textos e fotos)
- Durana Pinto (texto)
- Elísio Rodrigues (texto e fotos)
- Ernesto Soares (texto)
- F. Fontinha (texto)
- Helena Costa (texto)
- Jorge Ribeiro (fotos)
- José Luís Nunes (texto)
- Magalhães dos Santos (texto)
- Manuel Amaral (textos e fotos)
- Manuela Sárria Vasconcelos (textos)
- Nuno Prisco (texto e fotos)
- Porfírio Dreamkeeper (texto e fotos)
- Secção de Cicloturismo
- Secção de Montanha
- Secção de Pedestrianismo
- Victor Gomes (texto e fotos)

Ficha Técnica

ACAMPAR
N.º do Registo: 104 829
Ano IX - N.º 32 - ABR/SET 2006
Publicação Trimestral
Revista Informativa do CLUBE DE CAMPISMO DO PORTO
Edição e Propriedade do CLUBE DE CAMPISMO DO PORTO

Instituição de Utilidade Pública
Medalha de Valor Desportivo - Ouro, da C. M. do Porto
Medalha de Ouro da Cidade de Esmoriz

Sede: Rua D. Manuel II, 30 - 4050-342 PORTO
Telefones: 2220115 07 / 222087960 - Fax 222002694
Web: www.ccporto.pt
E-mail: ccporto@sapo.pt
revistaacampar@ccporto.pt

Parque de Campismo de Esmoriz
Rua do Clube de Campismo do Porto
3885-529 Esmoriz
Telefone 256 752 709 Fax 256 753 717
Parque de Campismo do Penedo da Rainha
Gatão - 4600-099 Amarante
Telefone 255 437 630 Fax 255 437 353
Casa Abrigo de Belói (Inscrição prévia no CCP)
Belói – S. Pedro da Cova

FICHA TÉCNICA
Director:
- Jorge Agostinho

Todos os artigos assinados são da esponsabilidade dos seus autores
Tiragem deste número: 8000 exemplares
Montagem e Impressão
Estúdio 3N - Desenho Gráfico e Fotolito, Lda.

Direção

EM NOME DA LEI E DA SEGURANÇA

PARQUE DE CAMPISMO DE ESMORIZ

O FINAL FELIZ DE UMA AVENTURA LOUCA (OU DE LOUCOS?)

Fomo-nos aproximando lentamente do local onde sabíamos que iria ser dado o remate final às obras de alargamento de arruamentos interiores (para 3m) e redimensionamento de alvéolos,integradas no projecto de requalificação e melhoria das condições do Parque de Campismo de Esmoriz...

Falhámos o nosso cálculo para assistirmos ao "final feliz" de empreitada por 5 ou 10 minutos, um vez que não pudemos registar a última talochada nas massas finais que cobriram de cimento chão o arruamento que vindo do bloco 8 termina na rua principal que bordeja os alvéolos D 111 e D 112.

Eram exactamente 16.45 horas do dia 24 de Abril de 2006, quando fizemos o "boneco" da obra que pouco antes terminara e que perpetuará a revolução iniciada no Parque de Esmoriz em 1999 - que apesar duma paragem de cerca de 2 anos devido à ineficácia e interesses pessoais de um responsável - conseguiu ser levada a cabo em tempo recorde, uma vez que o período estimado para a sua conclusão era de 10 anos!

Ficava assim, mais que uma ambição, mais do que o cumprimento de uma promessa, mais que a satisfação de um desígnio, ficava assim, dizíamos, concretizado um sonho que por alguns foi apelidado de loucura e megalomania, mas que com denodo, persistência, coragem e muito trabalho conseguimos transformar em realidade. ■

O "NOVO" PARQUE DE ESMORIZ EM NÚMEROS

ESTRUTURA	
▲ ÁREA TOTAL	94.468M²
▲ ÁREA ACAMPÁVEL DA ZONA ALVEOLAR	45.164M²
▲ ÁREA ACAMPÁVEL DA ZONA VERDE/CONDICIONADA	2.190M²
▲ ALVÉOLOS	680
SEGURANÇA	
▲ ARRUAMENTOS PRINCIPAIS (5M/ALCATROADOS)	2.207M
▲ ARRUAMENTOS INTERIORES (3M/ALCATROADOS)	651M
▲ ARRUAMENTOS INTERIORES (3M/CIMENTO CHÃO)	2.831M
▲ ARRUAMENTOS INTERIORES (3M/CALÇADA PORTUGUESA)	71M
▲ ARRUAMENTOS PEDONAIS (2M/CIMENTO CHÃO)	77 M
▲ SAÍDAS DE EMERGÊNCIA (VIATURAS)	8
▲ SAÍDAS DE EMERGÊNCIA (PEDONAIS)	3
▲ MANGUEIRAS DE 25M (COMBATE A INCÊNDIOS)	29
▲ EXTINTORES DE PÓ QUÍMICO	135
VALÊNCIAS	
▲ BLOCOS SANITÁRIOS COMPLETOS	8
▲ BLOCOS SANITÁRIOS DE APOIO	1
▲ BLOCOS DE LAVA-LOIÇAS DE APOIO	2
▲ CABINES DE CHUVEIRO	52
▲ BALNEÁRIOS PARA DEFICIENTES	4
▲ BALNEÁRIOS PARA BÉBÉS COM FRALDÁRIO	3
▲ SANITAS	60
▲ URINÓIS	15
▲ LAVATÓRIOS	140
▲ TOMADAS DE CONEXÃO NOS BALNEÁRIOS	89
▲ LAVA-LOIÇAS INOX	77
▲ PIOS PARA DESCARGAS QUÍMICAS	10
▲ LAVANDARIAS ELÉCTRICAS	3
▲ TANQUES PARA LAVAR ROUPA	23
▲ TÁBUAS PARA PASSAR A FERRO	8
▲ PONTOS DE RECOLHA DE ÁGUA	58
▲ CANDEEIROS DE ILUMINAÇÃO EXTERIOR	152
▲ ÁREA DE SERVIÇO PARA AUTO-CARAVANAS	1

Antes das obras

Durante as obras

Após as obras

Antes das obras

Durante as obras

Após as obras

Antes das obras

Durante as obras

Após as obras

SUSTENT(H)ABILIDADES

Li no último número da Revista "Campismo & Montanhismo" no artigo intitulado "Sustentabilidade", o companheiro Jorge Agostinho, membro do Conselho Regional Norte, contestar frontalmente a forma habilidosa como é elaborado o Calendário Nacional das modalidades de Pedestrianismo e Montanhismo pela FCMP, com a finalidade de mostrar grande actividade desportiva pela quantidade de organizações que o constituem.

Poder-se-á questionar como cheguei a esta conclusão e se não estarei a lançar algumas achas para a fogueira, como costumam dizer alguns que se incomodam com o que escrevo e que entre pares, ou através de correspondência anónima que me vão enviando (porque assino o que escrevo), me denominam de "agitador do Movimento" e "tipo polémico lá do Norte".

Mas, foi fácil chegar a esta conclusão comparando o artigo do Jorge Agostinho com o título "Sustentabilidade" (*pag. 2*), com o Comunicado-Circular n.º 20/06 da FCMP (*pag. 22*), onde no primeiro se reclama um calendário mais reduzido e elaborado com critérios de qualidade exigidos aos organizadores que leve a uma maior participação e satisfação dos praticantes, e o segundo, agitando o fantasma dos "mal intencionados", que tanto jeito dá para justificar o injustificável, apela aos filiados que enviem os relatórios das suas actividades e, se possível, com o número de praticantes envolvidos, para divulgação junto da imprensa e das entidades oficiais, não vão eles pensar que o pessoal anda para aí em grandes festarolas sem prática desportiva.

Se realmente a FCMP pretende liderar as actividades de Montanha em Portugal algo tem que fazer para alterar o estado actual das coisas, definindo com clareza qual a estratégia que quer adoptar e, numa primeira fase, dialogar e incentivar os filiados que têm potencialidades para levar por diante um projecto desportivo credível, abdicando dum centralismo que se tem revelado inadequado para os interesses dos praticantes e tem vindo a dar ânimo a outras entidades a reclamar benesses e direitos que a continuar este estado de coisas acabam por justificar.

Não adianta continuar a ignorar a incapacidade de alguns filiados que se candidatam à organização de actividades de cariz federativo para depois se saldarem em fracassos desportivos com todas as consequências que daí advêm para o Movimento e, inevitavelmente, para os praticantes que se sentem, no mínimo, enganados. Assim como, também, não adianta esconder que há filiados com óptimas condições organizativas que se encontram como que indiferentes com a tutela, fruto de atitudes inqualificáveis de quem tem que unir e não dividir. Para quem não me esteja a entender vou dar um pequeno exemplo recente no qual me vou abster de relatar as referidas atitudes, o seu autor e as respectivas consequências, antes sim, vou exemplificar com duas actividades, curiosamente com o mesmo nome, Marcha da Primavera, organizadas por dois filiados da Federação, estando uma integrada no Calendário Nacional e a outra no calendário de actividades do respectivo clube. Sabem qual foi o nível de participação? A primeira teve trinta e a segunda cento e vinte participantes. Abstenho-me, a crer neles, de transcrever o nível de satisfação dos participantes, sendo que da segunda podemos ler a reportagem do companheiro Elísio Rodrigues (*pag.8*), também, da última "Campismo & Montanhismo".

É, como diz o Jorge Agostinho, urgente criar critérios de avaliação das actividades, talvez reduzir o número de actividades oficiais, subscrever protocolos de qualidade com os filiados escolhidos como organizadores, pôr o chamado Gabinete de Comunicação a trabalhar atempadamente na divulgação das actividades, mas, também é urgente rever o valor dos subsídios que são atribuídos aos clubes que neste momento têm um cariz de esmola. Estou em crer que as despesas de deslocação do representante federativo que normalmente lá vai levar a tal lembrança devem ser superiores ao subsídio do organizador, ou não?

Vamos esperar que haja bom senso para bem da modalidade e do Movimento, porque os filiados e os praticantes merecem-no. ■

Durana Pinto
durana_pinto@netcabo.pt

CONTRASTES

Que o Parque de Campismo está mais bonito e seguro, não será novidade para ninguém.

Que tudo isso implicou muito empenho da Direcção e desconforto para os utentes que tiveram de mudar as instalações da antiga zona geográfica do Parque, também não será novidade.

Que se nota um maior interesse por parte de alguns (e já são muitos) utentes para manter mais acolhedor e confortável, de igual modo não estará em questão.

Que muitos companheiros têm vindo a demonstrar uma maior vocação para olhar e zelar pelos seus espaços, não é, nem será para passar despercebido ao nosso olhar, por menos atentos e críticos que possamos ser... Mas há pontos negros, companheiros!... No melhor pano cai a nódoa, como é vulgar dizer-se.

Vamos tentar assentar ideias, alhearmo-nos de tudo o que nos rodeia. Vamos tentar fechar os olhos e conseguir obter uma concentração mais séria, válida, construtiva e profunda. Enquanto uns cuidam escrupulosamente dos seus alvéolos, outros quase o deixam ao mais completo abandono, por meses e meses a fio. Não foi por acaso que a Direcção emitiu um despacho nesse sentido, penalizando quem não cuida do seu espaço. Desculpem-me, mas estou completamente de acordo.

Como é do vosso conhecimento, tenho para mim a necessidade de ser verdadeiro mesmo que isso implique ser contundente ou peão de um qualquer tabuleiro de xadrez, a abater.

A própria Direcção, a exemplo do que acontece neste país, vai cobrindo de um lado e descobrindo do outro as questões ou problemas que vão surgindo. Se eu fosse uma pessoa detentora de alguns poderes, posso garantir-vos que muitas atitudes e acções seriam vetadas, pura e simplesmente.

Tanta conversa para chegar ao que eu quero... Não tenho mesmo emenda! Mas, francamente, não me arrependo!... Sou o que sou!... Sempre quis ser sincero e directo! O que para alguns poderá dizer "curto e grosso"!... Não falo só por mim, mas por tanta e tanta gente que por receio ou qualquer outra razão, não levanta as questões que eu próprio subscrevo, que não tem coragem de extravasar, divulgar ou assumir. Comecei este artigo dizendo que o Parque de Esmoriz está mais bonito e seguro, o que não será totalmente verdadeiro. Senão, vejamos:

Bonito, lá isso está, seguramente. Se o não está na totalidade, isso dever-se-á ao desleixo de alguns companheiros. A verdade acima de tudo!...

Seguro a 100% nunca o será, por mais que se pretenda ou se deseje.

O material montado é combustível e comburente. Há materiais que favorecem o alastrar de chamas desde os plásticos utilizados para os mais diversos fins, passando pelos próprios avançados até aos estrados de madeira que foram exigidos. É sabido que a madeira arde muito mais facilmente do que, por exemplo, a tijoleira.

A maioria dos parques ainda não aderiu a esta norma e nem por isso foi penalizada. Ainda recentemente foram alvo de vistoria umas boas dezenas de parques. Todos eles chumbaram. Que eu saiba, nenhum deles foi encerrado. Se o nosso Clube estivesse incluído nessa extensa lista, certamente que há muito tempo, não nos seria permitido entrar no Parque. Não há dúvida de que a Direcção Geral de Turismo gosta muito de nós. Uns são filhos legítimos, outros são filhos bastardos.

Agora vamos à limpeza. Vão permitir-me a expressão, mas o termo mais correcto será: Porcos!...

As casas de banho são mal assistidas, sujas e, sobretudo, mal lavadas.

Eu sei que há utentes, infelizmente, que provavelmente não têm os mesmos cuidados ou preocupações que impõem nas suas casas, só que nos momentos em que se procede à limpeza (???) dos balneários, se recorre apenas à lixívia ou pouco mais. As calças compridas mudam de cor e assim sendo, há que ter muito cuidado.

O entupimento da canalização dos lava-louças, em contraste flagrante com as novas torneiras de passador bi-térmico.

Quanto a mim, este problema deve-se exclusivamente à falta de cuidado das, e dos utentes dos referidos serviços. Já ouvi queixas de pessoas que após utilização (por distracção), não tiveram o cuidado de os deixarem tão ou mais limpos do que os encontraram. Se não queres ser lobo não lhe vistas a pele.

Por hoje, ficam aqui alguns contrastes. Voltarei se assim se justificar. O meu objectivo é tentar corrigir defeitos, independentemente da sua origem, na tentativa de tornar mais segura e saudável a nossa presença campista neste mundo, dando, assim, um exemplo seguro de que somos, dentro do possível, aliados sinceros e atentos da Natureza que nos acolhe e conforta. ■

Aníbal Artur Silva

PEDESTRIANISMO

Esta Secção vai engrossando continuamente as suas fileiras... Cada vez mais companheiras e companheiros vão aderindo a esta forma salutar de praticar desporto e de conviver intimamente com a Natureza. Quem ainda não aderiu não se apercebe, seguramente, de quão agradáveis são as caminhadas domingueiras.

Convive-se alegremente, partilham-se ideias e factos passados e presentes, trocam-se experiências e até as anedotas surgem com naturalidade e muita graça.

Os pecursos têm, por norma, uma duração de uma hora ou pouco mais, mas, acreditem que no regresso ao Parque, nos fica a sensação de ter durado uns pouquíssimos minutos. Isto é significativo, não acham?

Quanto à organização, em meu entender, está muito bem estruturada, muito atenta aos mais pequenos pormenores e com muita visão organizativa. A simpatia e o companheirismo andam, igualmente, de mãos dadas.

Eu tinha conhecimento de que no passado dia 28 de Maio haveria uma equipa voluntária (como aliás somos todos) a representar a Secção, a convite expresso da Câmara Municipal do Porto. Soube posteriormente que a nossa participação foi um sucesso e que mereceu os mais rasgados elogios e agradecimentos por parte do vereador do respectivo Pelouro da referida edilidade. Sobre este tema e porque não estive presente, nada vos poderei contar.

Quando o presente artigo estiver diante dos vossos olhos já terá sido realizada a nossa deslocação a S. Pedro de Moel. No próximo número dar-vos-ei notícias fresquinhas sobre essa saída.

Um abraço pedestrianista! ■

Aníbal Artur Silva

IX E X CURSOS ESCALADA DESPORTIVA

Nos passados meses de Maio e Junho tiveram lugar os IX e X Cursos de Escalada Desportiva do C.C.P..

Dada a forte aposta na sua divulgação através do "site" da Secção, principais lojas de montanhismo e algumas faculdades, o resultado foi que o número de interessados excedeu as expectativas e houve necessidade de realizar dois cursos de seguida.

Como vem sendo habitual, as aulas teóricas decorreram nas instalações do Clube e as práticas passaram pela Sr.ª da Assunção em St.º Tirso, Fragas de Valongo e Redinha onde se realizaram os exames práticos.

Pela primeira vez foi incluído o treino de escalada em parede artificial que decorreu num ginásio em Valongo.

Em ambos os cursos houve uma grande receptividade e empenho dos formandos (mesmo na temida aula de quedas!), notando-se uma boa evolução a nível técnico da primeira para a última aula.

No último sábado de cada curso o restaurante "O Farol" na Senhora da Estrela, mesmo por cima das vias de escalada, foi palco dos jantares convívio onde reinou a boa disposição, nalguns casos a alegria era bem evidente...

Resumindo, tudo correu pelo melhor, podendo mesmo dizer-se que foram dos melhores cursos de escalada realizados no C.C.P..

Resta agora aguardar que os futuros escaladores mantenham o entusiasmo e continuem a praticar. ■

Alcino Sousa

MONITORES DOS CURSOS

Armando Freitas
Helder Barbosa
Sérgio Duarte
Fernando Bastos
Alcino Sousa

PARQUE DA CIDADE DO PORTO E PEDESTRIANISMO

DOIS TÍTULOS, DOIS NOMES E A CONJUGAÇÃO QUE SE NOS OFERECE A UMA SÓ VOZ: CAMINHAR EM ZONA VERDE

Em parceria com o Gabinete da Câmara Municipal do Porto, e a honroso convite daquele organismo, a secção de Pedestrianismo do CCP, participou no passado dia 28 de Maio na actividade intitulada "DESPORTO SAÚDE 2006", levada a cabo nos arruamentos do Parque da Cidade, saindo depois para a zona envolvente do Castelo do Queijo, continuando pela marginal até à praia do Ourigo, invertendo aí a marcha, utilizando o mesmo percurso de regresso ao ponto de partida.

Mas, falemos antes da "montra" que emprestava ao evento um ambiente de convite acolhedor, constituído por quatro pavilhões instalados logo à entrada, junto ao parque de estacionamento tangenciado à Avenida da Boavista.

A quantos tiveram ocasião de visitar o Parque da Cidade naquele domingo, quer em resultado das actividades publicitadas, quer por rotineira passagem, não se ficava pela curiosidade, mas também pela apetecida oferta de um vasto e bem estruturado serviço de rastreios, aconselhamentos, sensibilização e prevenção no domínio da saúde, inteiramente gratuitos, animados pelo colorido interior do nosso pavilhão, integrado no conjunto daqueles serviços.

Ficam aqui os reconhecimentos da Direcção do Clube de Campismo do Porto ao Gabinete do Desporto da Câmara Municipal do Porto, na pessoa do Dr. Paulo Rocha, pelo grato privilégio na cedência do pavilhão, deixando, como habitualmente, para a disponibilidade da secção de Pedestrianismo a participação em iniciativas vindouras.

Agora sim, falemos das actividades desportivas que, paralelamente ao programa da saúde, se iam desenvolvendo na zona verde próxima dos pavilhões; aula de Yoga, bastante participada, à qual não ficaram indiferentes grande parte dos visitantes que por ali passaram durante a manhã, e a actividade pedestrianista intitulada "super marcha" de 10 quilómetros, cujo percurso já descrito, reconhecido e orientado pela nossa Secção e desenvolvido entre as dez e o meio dia, contou com algumas dezenas de participantes, mas foi marcado por alguma dureza, devido ao calor intenso que se fazia sentir.

Um momento do reabastecimento de água, aproveitado por um sedento cão (na imagem) que também saiu saciado

Valeu-nos a permanente assistência dos Bombeiros Municipais Portuenses com distribuição de água e prestimosos aconselhamentos, ou não tivéssemos nós perspectivado

durante o percurso que algo de controverso nos viria a surpreender, pois, aqui e além, por parte dos participantes, o cansaço e o sol abrasador falavam bem alto, deixando adivinhar o menos esperado.

E o inevitável aconteceu, embora sem alarmismos de maior, uma ou outra indisposição, alegadamente provocada por queda brusca de tensão, foi rapidamente resolvida pelos Soldados da Paz, bem como umas incomodativas bolhas provocadas pelo excesso de transpiração, o que não evitou que esses participantes tivessem que voltar ao ponto de partida sob observação dos profissionais assistentes.

Todavia, a vontade de chegar ao fim, quase à vista, não se deixou manchar pelos acontecimentos, e os últimos 1.500 metros que viríamos a vencer a partir do Castelo do Queijo, Parque acima, até ao ponto de partida, foram sofridos com as t'shirts em "pingos".

Neste último reduto, com interdição a viaturas motorizadas, mas atentos e em defesa do nobre princípio que norteia os Bombeiros Municipais do Porto, fica a nossa saudação e reconhecimento pela assistência desmedida prestada pelo Soldado da Paz, cujo nome desconhecemos, que, deixando os seus colegas assistentes e a viatura de apoio, carregou a pé, juntamente com o grupo pedestrianista, 24 garrafas de 0,50 litros de água, ou não fosse bastante o peso das grosseiras botas que calçava! Ao "soldado desconhecido", uma vez mais, o apreço de todos os caminhantes.

Da parte da tarde, o culminar de um memorável dia de actividades, aconteceu com uma aula de Taichi, bastante participada; esta, um pouco mais afastada do local dos pavilhões, a fim de permitir maior sombra, dado que o sol e a elevada temperatura teimavam em não dar tréguas.

Para finalizar, e em atalho de foice, deixamos o testemunho que nos sugere alimentar uma visita às aulas dominicais de Yoga, nos jardins do Palácio de Cristal, durante os meses de Junho, Julho, Agosto e Setembro, das 11 às 12 horas. A entrada é gratuita e a concentração é feita às 11 horas na concha acústica, se não chover.

Esta é mais uma louvável iniciativa, posta à disposição de todos, pelo Gabinete do Desporto da Câmara Municipal do Porto e que merece da nossa parte um particular apoio. ■

Victor Gomes

O nosso pavilhão e os preparativos para as inscrições e distribuição das t'shirts alusivas ao evento, gentilmente cedidas pelo gabinete do Desporta da C.M.P.

O conjunto dos 4 pavilhões à entrada do Parque e os comentários finais da caminhada entre alguns dos participantes

Aqui, a prestimosa assistência dos B. V.Portuenses dava-nos conta dos resultados e controlo sobre os pedestrianistas assistidos

Esta Senhora do Cicloturismo, que por motivos de saúde se viu obrigada a suspender a sua actividade na modalidade, regressou às lides cicloturísticas, trazendo consigo a simpatia e a boa disposição que sempre lhe foram reconhecidas, contribuindo dessa forma para o ambiente agradável que se vive nas saídas dos *Domingos de Manhã*. Se a companheira ou companheiro sentir vontade de experimentar uma saída ao domingo, não hesite e junte-se ao grupo.

Não aceitamos desculpas do género "*eles são profissionais*", "*a minha bicicleta não presta*", "*é muito cedo*", "*não é para a minha idade*", etc..

Para o almoço de domingo, receita de *Entrecosto Grelhado à Cicloturista:*

Tempere de véspera a carne já fatiada com vinho branco, alho esmagado, uma pitada pequena de sal (atenção à tensão arterial) e um pouco de pimenta preta, moída no momento para ser fresca. Deixe repousar a marinada, virando a carne de vez em quando para o tempero se entranhar melhor.

Antes de grelhar a carne lentamente e sem queimar, como mandam as regras, junte mais ou menos vinte quilómetros de pedalada, poderá ser uma ida ao Furadouro, com o grupo dos Domingos de Manhã. Vai ver que o grelhado fica com sabor espectacular.

Dica de Cicloturismo: "assaduras"

Um dos problemas frequentes decorrentes da prática desta modalidade, são as "assaduras" na zona das virilhas. Para as evitar devemos usar calções almofadados e se pretendermos usar cuecas, o que é opcional, estas deverão ser do tipo "boxer" sem costuras. Antes de iniciar a prática, devemos aplicar uma camada generosa de creme hidratante do tipo "nívea" sobre a zona em causa. Devido ao fácil desenvolvimento das bactérias (calor + suor), todo o material utilizado deverá ser lavado após cada utilização, como é evidente.

SAÍDA CONVÍVIO

30 de Abril

Neste dia saiu um grupo de Esmoriz e o outro do Porto em direcção a Espinho onde se encontraram. Após uma pausa para café e descanso rumaram ao parque de Esmoriz. Em ritmo de passeio, os quilómetros foram ultrapassados com facilidade, enquanto se aproveitava para pôr as conversas em dia.

Já no Parque de Campismo de Esmoriz , a Secção fez a apresentação do novo equipamento ao Clube, numa cerimónia singela. Nesta apresentação foi dito que o equipamento foi adquirido em 2005, tendo só sido usado uma vez e devolvido posteriormente ao fornecedor para correcção, devido a problemas de confecção. Seguidamente foi realçado o esforço financeiro dos cicloturistas e do Clube de Campismo do Porto para a feitura deste equipamento assim como, mais uma vez, se agradeceu publicamente aos nossos patrocinadores, nomeadamente *PREVEL ALARMES, AUTO PNEUS SANTEGÃOS, CENTRO DE IMAGIOLOGIA DA TRINDADE E VICIVENDAS*.

A Secção anunciou ainda que vai iniciar uma campanha para aquisição de equipamento de Inverno e que para tal necessita de patrocínios, pelo que irá em breve desenvolver os necessários contactos. A nossa intervenção terminou com a entrega de um exemplar do novo equipamento, constituído por calção, camisola de manga curta e luvas para ser exposto no Museu do CCP.

O senhor presidente do Clube, companheiro Carlos Alberto, após agradecer a oferta do equipamento e de dizer aos presentes que o facto de haver um equipamento novo além de constituir algo de positivo para o Clube é também um sinal de vitalidade da secção, realçou o seu agrado na elevada adesão de campistas na saída dessa manhã, pois lança novas perspectivas para o futuro da mesma.

Continuou com palavras incentivadoras ao trabalho na secção de Cicloturismo, o que para nós se traduzirá certamente numa motivação acrescida. Devido a um problema técnico, não dispomos de fotografias desta cerimónia, o que lamentamos.

PORTO - LISBOA

6 e 7 de Maio

A 2.ª edição do Porto – Lisboa em Cicloturismo, para a equipa do Clube de Campismo do Porto, ficou assinalada por episódios, que embora não tenham sido graves, puseram à prova a boa disposição da equipa.

Na saída em Vila Nova de Gaia, na 6.ª feira ao fim da tarde, fomos surpreendidos por um pequeno acidente de viação que nos atrasou o programa em cerca de duas horas. Como tínhamos planeado pernoitar num parque campismo perto de Lisboa, no qual iríamos jantar umas sandes, rapidamente percebemos que só às tantas que estaríamos prontos para o saco cama, o que veio a acontecer já de madrugada. No entanto, o bom convívio vivido quase fez esquecer a contrariedade ocorrida.

No sábado de manhã lá fomos para a partida, na Praça Sony. Há hora combinada, começámos a nossa viagem em direcção a Rio Maior, tendo adoptado um

ritmo adequado aos quilómetros que tínhamos pela frente. Perto de Alenquer, um camião passa tão perto do Carlos Silva, que a deslocação de ar o derruba, felizmente, em direcção à berma. Como se não chegasse, o Fernando Vilares que seguia na roda do Carlos também caiu. Como resultado, destacamos coxa e anca pisadas para o Carlos, e luxação do punho para o Vilares.

Refeitos do susto, continuámos a nossa viagem com paragem em Rio Maior para almoço e pernoita em Monte Real.

No dia seguinte, tínhamos acabado de atravessar a ponte da Figueira da Foz, quando ocorre a queda do José Ilídio, queda esta provocada por um choque de guiadores. Não vi a queda que ocorreu atrás de mim, mas o barulho não deixava dúvidas, tinha sido uma queda das jeitosas, tendo a vítima do acidente ficado bastante queixosa. De imediato chamámos a ambulância de serviço, a qual prestou os primeiros socorros, tendo-se verificado que se tratava de hematomas e um pouco de pele a menos.

Pedalámos até Aveiro, onde almoçámos, tendo a etapa da tarde tido início em Avanca, de onde partimos em pelotão, com cerca de cento e sessenta cicloturistas em direcção à cidade do Porto.

ESMORIZ – FÁTIMA

Além do Convívio do Clube a 15 de Agosto, no qual recebemos todos os nossos amigos de outras colectividades, o Esmoriz – Fátima é também um passeio organizado pelo Clube, mas exclusivamente para sócios.

É um passeio no qual os quilómetros contam, cerca de 185 Km, o que exige preparação física e algum respeito pela distância.

Este ano, quem não teve medo e se preparou devidamente foi o nosso companheiro Augusto Aguiar que se estriou numa longa distância. A ele, os nossos parabéns.

Das desistências que tivemos para este passeio, quero destacar a do Filipe Pinto a qual se deveu a um acidente de trabalho, que o impediu de alinhar, para ele, votos de rápidas melhoras.

Quanto ao passeio, sem problemas...

A temperatura estava óptima com um vento a prejudicar ligeiramente o andamento, rapidamente chegámos a Vagos onde fizemos uma pequena paragem, daí pedalámos até à hora de almoço que ocorreu perto da Guia.

Na parte da tarde, após passarmos por Leiria tivemos o "petisco" dos mais de vinte quilómetros a subir até Fátima.

Chegados ao destino e após um relaxante duche, foi tempo de lanchar e iniciar o regresso, agora de automóvel, a Esmoriz. ■

Manuel Amaral

Actividades de Montanha

IX MARCHA DA PRIMAVERA

Simplesmente... Divinal! – Diriam poetas e pintores do nosso tempo se viessem admirar a "Terra do Paraíso" tal como nós denominamos a Serra do Gerês.

E foi com este espírito que os 120 Montanheiros percorreram no passado dia 8 de Abril de 2006 a Marcha de Montanha, com cerca de 12 km entre Xertelo, Lapela e Azevedo. Esta foi a nona da Primavera em que ao longo dos anos a Secção de Montanha do Clube Campismo do Porto nos vem presenteando.

A concentração teve lugar no parque de merendas de Encruzilhada, a 0,5 km de Xertelo, situada na vertente sul da serra e da bacia do Rio Cávado, onde a marcha teve lugar.

Após confirmação das inscrições – onde cada caminheiro recebia um crachá alusivo ao evento e um folheto explicativo do percurso – foram feitas as apresentações aos presentes e dada uma pequena explicação sobre a marcha pelo Companheiro Mário do CCP.

Foi com algumas nuvens no céu a encobrir a estrela solar mas, sem ameaça de chuva, que demos início à marcha, - marcava o relógio as 11 horas – em direcção à Aldeia de Xertelo, situada a 750m de altitude. Aqui abastecemo-nos de água na centenária fonte, datada de 1827 e contemplámos uma singela Capela e alguns espigueiros graníticos. Ficou-nos a sensação que a agricultura é o único meio de subsistência.

Saídos de Xertelo, viria um dos "pontos fortes" desta marcha: a Levada de Xertelo, que iríamos percorrer ao longo de cerca de 4 km. Esta levada vem sinalizada na carta cartográfica militar n.º 44, de 1949 e tem início no Ribeiro do Penedo e outrora, canalizava as águas deste ribeiro para as azenhas de Xertelo, agora em ruínas.

Foram imagens de rara beleza o percurso ao longo da levada, em vários pontos em estado razoável mas, na maior parte substituída por um tubo plástico, em parte também desaparecido com o fogo das queimadas, onde requeria redobrada atenção ao caminhar, dada a sua irregularidade.

Passámos Cubo de Baixo, ao longo da margem esquerda do Rio Cabril e com o fascínio de tanta beleza as máquinas fotográficas não tinham descanso. Até um pequeno cervo que corria veloz pela escarpa abaixo ficou registado.

Cerca das 13 horas parámos para lanchar no cimo de um monte agreste, protegidos entre afloramentos graníticos rodeados de vegetação rasteira onde predomina o rosmaninho, a urze, carqueja e imperialmente os tojos, que as abelhas pastam para fabrico do delicioso mel. Uma ave pairava no ar com seu canto melodioso, saudando-nos nesta hora de descanso. São sempre momentos de união, de prosa relaxante, onde todos partilham e todos são amigos. Ao longe avistavam-se as Lajes dos Infernos. Tirou-se a foto de Grupo e elementos dos vários Clubes presentes receberam lembranças da Organização, alusivas ao evento.

Reiniciámos a marcha, dirigindo-nos para a Cascata do Penedo que se precipita pelas encostas escarpadas num lugar de rara beleza. Aqui, a EDP construiu uma ponte de betão e um sistema de aproveitamento hidroeléctrico, represando as águas.

Retornámos ao estradão e marchando agora pelo planalto entre as Chã da Susana e do Chouriço,

antes de descermos para Lapela avistámos ao longe a Barragem da Paradela, toda granítica, travando a corrente do Cávado. Na descida os nossos olhos brilharam com a beleza deslumbrante que ao longe, verdejantes lameiros e a Vila de Lapela compunham um quadro que todos gostariam de pintar.

Entrámos em Lapela por ruas estreitas e surge-nos a pequena Igreja oitocentista ao centro, ladeada de um pequeníssimo cemitério. Dirigimo-nos à Casa de Cabrilho, onde nasceu João Rodrigues Cabrilho - primeiro navegador Europeu no Sec. XVI a demandar a Costa da Califórnia - e que agora é um simpático café/restaurante, único na região, para servir os petiscos e vinhos das castas naturais.

Após esta breve paragem de 20 minutos, enveredou-se por uma íngreme e imperiosa subida até à antiga portela do Alto do Facho. Com o Sol batendo nos nossos corpos e a avermelhar zonas desprotegidas, o suor escorria mas dava-nos prazer esta subida, pondo à prova a vitalidade de locomoção própria de cada um.

Ao longe, horizontes intocáveis, onde reina a Paz e a Natureza teima em preservar.

Depois, a descida um pouquinho abrupta, para a Aldeia de Azevedo, pequeno núcleo que emerge entre socalcos e debruçado sobre o vale por onde serpenteia o "majestoso" Rio Cávado. Chegados a Azevedo, debruçamo-nos sobre o varandim da pequena Capela de traça setecentista, com vistas miraculosas sobre os lameiros das duas margens do rio.

Saímos de Azevedo por um caminho inundado de água dos regadios e atravessámos uma pequena ponte sobre um ribeiro de águas cristalinas – que pureza, meu Deus! – onde, escondida, está a velha azenha.

Alternando caminho de "pé posto" e estradão de terra batida, passámos Serpados e efectuou-se então a última subida que nos levaria outra vez até à Encruzilhada, onde chegámos num ápice.

Aqui chegados, fomos às viaturas buscar algumas iguarias e uma "pinga" e sentados nos refrescantes bancos das mesas graníticas, descansámos de tão bela caminhada.

Percorrer esta IX Marcha da Primavera foi uma aventura à descoberta das montanhas da "Rainha das Serras" dos puros e límpidos rios, das típicas Aldeias, dos verdejantes lameiros com gado da própria terra, das cascatas e de toda uma paisagem algo "divinal".

Está de parabéns a Secção de Montanha do CCP, por este dia tão belo que nos proporcionou e elogiámos todos, esse espírito de humildade e sabedoria para organizar estas marchas, com a qualidade que ficou patente aos nossos olhos. ■

Elísio Rodrigues

"A RETIRADA DO MARECHAL SOULT"

Percurso Histórico

Dando cumprimento ao seu calendário de actividades, o Grupo Portuense de Montanhismo (GPM) levou a cabo duas etapas, da Rota denominada "A retirada do Marechal Soult".

Trata-se de um projecto constituído por quatro percursos, e que se visa dar a conhecer aos amantes da caminhada, o que foi a retirada francesa no mês de Maio de 1809.

Parte I - Entre Salamonde e a ponte da Misarela

Em breve, comemoraremos dois séculos, após a segunda invasão do nosso país, pelas tropas de Soult. De trágicas recordações para a nação portuguesa, em especial para os povos do norte, onde o saque e a rapina, se associaram à brutalidade de Loison, - "o maneta". Prisioneiro que chegasse com vida à sua presença, já sabia a sorte que o esperava.

O povo não o esqueceu, e é da barbárie deste francês, que resulta a expressão tão comum no nosso país – " Vê lá se queres ir para o maneta". A morte levou-o aos 45 anos de idade, sem ter tirado partido de duas décadas de saques e pilhagens, a que se dedicou, servindo o império.

Como itinerário a percorrer, tínhamos o caminho histórico, que outrora constituiu a antiga estrada para Montalegre, utilizado pelo II corpo do exército napoleónico, exausto, roto e faminto, na sua retirada, a partir da madrugada de 15 de Maio de 1809.

Muitos cabos de guerra, jamais pensariam fazer passar por ali um exército, como refere o general Carlos Azeredo, no seu livro – A Invasão do Norte. Talvez fosse até, desconhecido, por alguns dos seus perseguidores.

Após uma pequena cerimónia na Junta de freguesia de Salamonde, onde os caminheiros do Grupo Portuense de Montanhismo e os do INATEL, retribuíram ao presidente e restante equipa, a forma amável e o carinho como sempre tem sido recebidos, fizemos uma breve visita ao que resta do traçado da via Romana XVII, no interior da aldeia.

Fomos então até à igreja, onde se fez um enquadramento histórico da marcha, local, onde Soult instalou o seu estado maior e os restantes efectivos pelas casas vizinhas, que mais tarde incendiou. No cruzamento das Almas, utilizámos o mesmo caminho que as tropas do exército napoleónico tomaram 197 anos antes, seguindo por uma íngreme vereda até à corga do Saltadouro.

Apesar do excessivo calor, a beleza da paisagem, ia atenuando o esforço despendido, e nos miradouros do caminho, as máquinas fotográficas, entraram em acção, obrigando à recontagem do grupo, para evitar percalços com os atrasados. Na verdade, a paisagem, exigia estas paragens, e merecia ser contemplada.

Foi rápido chegar até este afluente do Cávado, que percorre uma corga abruta onde o rio se movimenta em pequenas cascatas. A ponte medieval, com o mesmo nome, que o major Dulong e um grupo de 100 homens tomaram pela calada da noite, dominando as sentinelas, jaz sob as águas da albufeira de Salamonde. Foi na nova ponte, construída pela EDP, que o Jorge Ribeiro, a quem se deve o estudo deste histórico caminho, contou ao grupo, como se deu a tomada da antiga obra de arte.

Aproveitámos para almoçar, e partimos em direcção à ponte da Misarela, mais conhecida pela ponte do Diabo. Do Saltadouro até ao lugar de Frades, o caminho tem poucas sombras e como não há fontes, quem não poupou, sofreu até ao reabastecimento. Naquele lugar, enchemos os cantis, conversámos com o senhor Manuel, nosso velho conhecido, e seguimos para a Misarela, marco de pedra, da resistência dos povos desta zona, ao invasor francês. Paragem prolongada, para ouvir de novo falar da luta entre os portugueses entrincheirados na margem direita do Rabagão, e as tropas do Loison e Heudelet, onde se destaca de novo o major Dulong, que acabou por ser recompensado pelos portugueses, com um tiro na cabeça… "esteve quase a ir para o maneta". Não arredámos pé, sem se ouvir falar da lenda da ponte e dos baptismos pré-natais. Por fim, subimos a calçada onde muitos Gervázios e Senhorinhas, a fizeram pela primeira vez, assente na crença de que as águas do Rabagão, antes de se fundirem com as do Cávado, têm a virtude de dar vida, aos que ali passam, no ventre de suas mães.

Parte II - da ponte da Misarela até Paradela do Rio

Na terça-feira de 16 de Maio de 1809, depois de ter assistido aos combates na ponte da Misarela, Soult, atravessa-a e detém-se a observar a passagem das suas tropas. Apesar do dia estar certamente muito chuvoso, como aliás todo o mês de Maio daquele ano, nada o faz esmorecer na sua trágica retirada. Era homem experimentado e hábil manobrador, habituado a tudo. Talvez pensasse, enquanto observava a trágica travessia, na forma como iria enfrentar o resto do caminho até Paradela do Rio. A sorte bafejou-o, pois a sua entrada no Baixo Barroso vai coincidir com o abrandamento da perseguição de portugueses e ingleses. Porém, a passagem naquela ponte, traduziu-se em pesadas baixas para as suas tropas, conforme os relatos da época, embora sejam parcos relativamente aos acontecimentos, durante o percurso, entre a ponte e aquela aldeia barrosã.

A marcha que vai agora efectuar, apesar da esforçada subida nos lugares de Ferral, será feita a meia encosta, na estrada velha que conduzia até Montalegre, mas numa zona muito pobre, pouco povoada, onde o sustento diário, era obtido na luta sem tréguas contra a pobreza do solo e aspereza do clima. O povo, à passagem dos franceses, abandonou as suas casas de colmo, vestiu crossas e capuchas, calçou chancas de lavoura e fugiu para paragens mais altas da serra.

O cenário, porém, é belíssimo, com o rio Cávado bravio e rabugento de tanto lutar com o seu leito rochoso, separando as duas serras que o aprisionaram para sempre. Só a pena de Miguel Torga, seria capaz de nos descrever, este quadro natural de rara beleza.

Ficará a dúvida para sempre, se os franceses tiveram tempo para o observar, na ânsia de fugir. Esfomeados, rotos, cansados de tanto andar e frequentemente fustigados pelas milícias, tudo servia para matar a fome. Pipo de morangueiro que ficasse esquecido, rasa de milho mal escondida no canastro, ou animal transviado, levava sumiço, mais rápido, que um copo de aguardente na boca de cristão, com dor de dentes.

Depois deste enquadramento, que julgamos necessário, verificadas mochilas e demais *"armamento"*, partimos para o nosso destino. A expectativa era grande, pois além das "praças velhas", havia "prontos" e muitos recrutas, ávidos de absorver todos os detalhes do percurso.

Partimos do miradouro sobranceiro à ponte da Misarela, e logo de seguida, enfrentámos uma longa subida que passa pelo interior dos casais de Vila Nova até à Chã das Quartas. Muitas das casas por onde passámos, cuja cobertura é bom lembrar, seria em colmo, foram rebuscadas na ânsia de encontrar comida e posteriormente queimadas. Passado este lugar da freguesia de Ferral, o caminho começa a abrir-se, deixando ver os corutos mais ásperos do Gerês, adivinhando-se ao longe um Cávado mais selvagem e menos caudaloso. Como seria naquela época, esta paisagem sem as barragens? Aparece então o caminho velho, onde a antiga calçada disputa terreno, palmo a palmo com a urze e o mato rasteiro. Para comprovar, a sua proveta idade, observam-se aqui e ali, os sulcos provocados, pela passagem dos carros.

Na encosta da Cabreira, alternam os prados de lima, as courelas de cultivo com grandes zonas de terreno mais pobre, onde predomina a urze e o mato, sulcados por pequenos ribeirinhos que correm lestos pelas corgas. Seguindo sempre a meia encosta, observa-se o que resta de um curioso fenómeno geológico, em que a derrocada de parte da montanha atingiu algumas casas de Covelo do Gerês, e também o próprio caminho. Após o Outeiro Redondo, a paisagem começa a mostrar o verdadeiro Barroso, cenário que continuará a mudar até S. Bento da Sexta Freita, onde se ergue um rústico e cuidado santuário, dedicado a S. Bento da Porta Aberta. Foi neste lugar de Covelo do Gerês, onde chegámos com parte do grupo a pedir descanso, que a ordem de parar para almoçar, foi bem recebida.

Voltámos ao caminho, seguindo na direcção de Ponteira, contornando por poente o Alto do Monteselo, onde fomos despertados pela irreverente e geométrica magia de alguns cabeços, que a natureza moldou com o escoar do tempo, transformando a penedia, em verdadeiros " legos graníticos ".

Inicia-se então, a desejada descida para Paradela do Rio, passando à ilharga do Coruco da Roca e de súbito, aí está, à nossa frente, a beleza selvagem do Gerês, bem como o lago imenso da barragem de Paradela. As paragens são frequentes, para identificar os seus corutos mais elevados. Perguntas e respostas, que desfilam um sem número de recordações, a quem já os visitou no seu silêncio agreste, e uma ânsia de lá chegar, dos mais novatos nestas andanças. Mais umas passadas e vislumbrámos Pitões com os Cotos a defenderem-na, os seus lameiros, hortas e nabais, criando um presépio natural, que potencia uma futura visita...

Paradela já está à vista, mas o caminho ainda tem algumas emoções, até encontrar o pequeno pontilhão por onde Soult passou, rodeando o Alto do Crasto. Os últimos passos, são para visitar a casa onde o marechal pernoitou. – a casa do Loureiro.

Finda a caminhada, interrogo-me. Por onde terá escapado o Duque da Dalmácia, a partir de Paradela? Que caminho tomou para chegar à vizinha Galiza? Teria continuado para Este na direcção de Fiães do Rio? É com grande expectativa que aguardo os próximos percursos, para ver se as minhas dúvidas ficam esclarecidas.

Cumprida a missão, ainda houve tempo, para confraternizar, e dar nota máxima ao GPM, que estudou este delicioso percurso. Fazem-se as últimas despedidas, e lança-se um derradeiro olhar para este quadro natural de rara beleza, onde ao longe, desponta a capelinha de S. João da Fraga.

Um agradecimento final, aos presidentes das Juntas de Freguesia de Ferral e Paradela, que foram inexcedíveis na sua colaboração, e que possibilitaram a aventura, de reviver esta marcha, quase dois séculos depois. ■

Texto: *F. Fontinha* / Fotos: *Jorge Ribeiro*

Saiba quem foi o Marechal Soult, na rubrica 'Cultura', página 34

VIAS VERDES

EM ESPANHA EXISTEM MAIS DE 1.300 QUILÓMETROS DE INFRA-ESTRUTURAS FERROVIÁRIAS RECONVERTIDAS EM ATRACTIVOS ITINERÁRIOS PARA PASSEIOS A PÉ, BICICLETA OU CAVALO.

Em 1993, a *Fundación de los Ferrocarriles Españoles* (FFE) elaborou um meticuloso inventário das vias-férreas desactivadas ao longo de Espanha.

Foram analisadas 187 linhas, com uma extensão total de 7.684 quilómetros, incluindo 954 estações, 501 túneis e 1.070 pontes. Todo este património, abandonado e em risco de cair no esquecimento, oferecia um notável potencial de reutilização para fins recreativos, à semelhança do que acontecia em países como o Reino Unido e Estados Unidos, pioneiros no aproveitamento de ferrovias em desuso para fins culturais, desportivos, ambientais e turísticos (*rail-trails*).

Desde então o programa *Vías Verdes*, empreendido pelo governo espanhol em colaboração com a RENFE (Caminhos de Ferro Espanhóis), FEVE (Caminhos de Ferro Espanhóis de Via Estreita) e *Administrador de Infraestructuras Ferroviárias* (ADIF), e coordenado a nível nacional pela FFE, tem vindo a adequar estas vias-férreas para serem utilizadas por praticantes de actividades de ar livre como o pedestrianismo, cicloturismo ou equitação. E, se já não subsistem carris ou chulipas, permanecem os túneis, as estações e a quietude de itinerários outrora percorridos pelo silvo das locomotivas.

Via Verde *Ojos Negros*

Em Agosto de 2005 existiam em Espanha mais de 1.300 quilómetros de antigos leitos de caminho-de-ferro adaptados a 56 *Vías Verdes*.

O investimento realizado ascende a cerca de 50 milhões de euros, excluindo custos com a reabilitação de estações.

Essencial para este sucesso foi o envolvimento das regiões, comunidades autónomas e de cerca de 180 *ayuntamientos* (autarquias), que partilham a gestão, manutenção e promoção dos percursos após conclusão das obras. Foi conseguida uma alteração das políticas e estratégias tanto nacionais, como regionais e locais, as quais passaram a incluir planos específicos para o desenvolvimento de vias verdes.

O processo de implantação dos percursos estimulou também a participação activa de diversos sectores da sociedade, acolhendo a cooperação de ecologistas, desportistas, ONG's, clubes, associações de amigos dos caminhos-de-ferro, agremiações rurais, empresários, etc., não esquecendo o indispensável apoio dos meios de comunicação social.

Via Verde *Ojos Negros*

Via Verde *Senda del Oso*

Basicamente, a implantação duma *Vía Verde* consiste em proporcionar condições de circulação sobre a plataforma da via-férrea, dotando-a de elementos de protecção, informação e sinalização, sem contudo desvirtuar a essência ferroviária do trajecto.

São utilizadas as antigas travessas de madeira como suporte para alguns sinais, barreiras e marcos de restrição; a recuperação de obras de arte é executada com os necessários cuidados para não ferir a traça original, possuindo iluminação apenas os túneis mais longos. Adicionalmente, existem vantagens intrínsecas aos traçados ferroviários: pendentes suaves, curvas amplas e ausência de trânsito motorizado. Além disso, a reutilização de infra-estruturas com décadas de existência, logo já integradas na paisagem, tem um impacto ambiental negativo mínimo, determina a recuperação de espaços degradados, designadamente nas cercanias de povoações, e faculta a interligação saudável entre campo e núcleos urbanos.

Todavia, o conceito *Vía Verde* não se esgota na simples adaptação de traçados ferroviários: é complementado com o estabelecimento de serviços e equipamentos auxiliares como áreas de repouso, restaurantes, alojamento, museus, aluguer de bicicletas e cavalos, os quais são instalados, quando possível, nas antigas estações.

Factor de dinamização social e económica nas zonas que atravessam, as *Vías Verdes* são universalmente acessíveis e, enquanto espaços de lazer e desporto ao ar livre, favorecem um contacto mais íntimo com a natureza, despertando consciências para a inevitabilidade da sua preservação.

No plano internacional, e com o propósito de unir esforços para a criação duma rede de vias verdes à escala europeia, a FFE colaborou na fundação, em 1998, da *Associação Europeia de Vias Verdes* (AEVV), cuja presidência manteve até 2004. A AEVV conta com 26 membros, representantes de 8 países.

Fica, portanto, a sugestão: dispondo de algum tempo livre em Espanha, não hesite em "*¡Viver la Vía*!", percorrendo fascinantes caminhos plenos de memórias ferroviárias.

O sítio *www.viasverdes.com*, graficamente atraente e de navegação intuitiva, oferece-lhe informação detalhada. ■

Texto: José Luís Nunes
Fotos: António Nunes

Via Verde *Senda del Oso*

ACAMPAMENTO NACIONAL

Tudo aconteceu em Junho deste ano, mais propriamente de 14 a 18, num maravilhoso cantinho de Portugal, intitulado de *Pentieiros*.

Esse cantinho fica situado, mesmo no centro da Reserva Natural das *Lagoas de Bertiandos* e de *S.Pedro de Arcos*, num muito aprazível e acolhedor Parque de Campismo, intitulado de "Lagoas Camping".

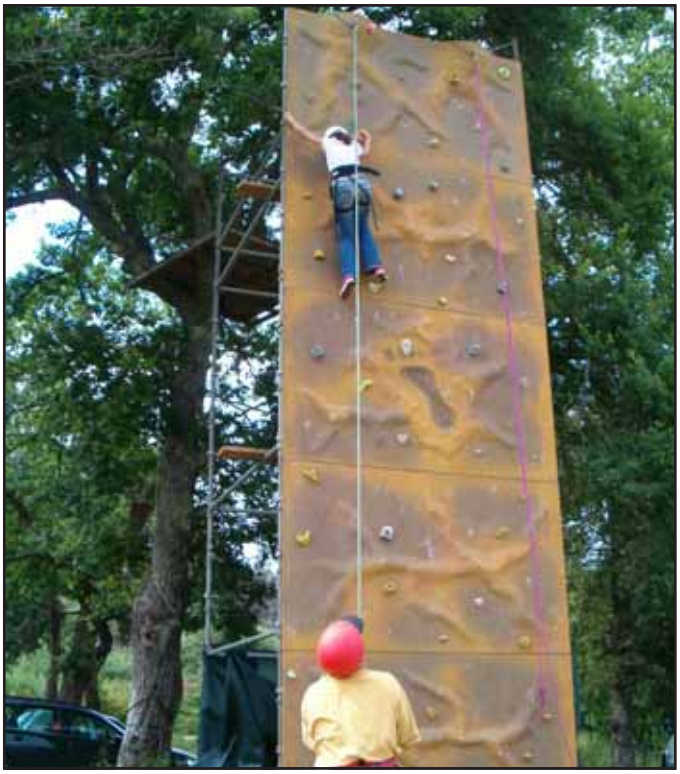
Este Parque, apesar de ter apenas 3 anos, tem já uma mística e um carácter muito particular, graças à Câmara Municipal de Ponte de Lima, que além de gerir o Parque de Campismo, conseguiu recuperar vários edifícios antigos rústicos e senhoriais e fazer um cruzamento desses edifícios, que dão apoio ao Parque, com o ambiente de preservação da natureza, sempre presente no mesmo.

Além disso, a Câmara Municipal criou, quase de raiz uma Quinta Pedagógica, mesmo junto ao Parque de Campismo, para cativar as pessoas a observar "in loco", uma quinta com todos os seus componentes naturais e pedagógicos. Isto, desde, se poder visitar as hortas, ver todas as plantas, legumes e flores, a poder observar no seu meio

natural todos os animais e foi dentro deste ambiente excelente, que o 24.º Acampamento Nacional, se iniciou, desenrolou e finalizou.

Assim, desde a recepção de todos os participantes até à cerimónia de abertura do Acampamento, todos pudemos ouvir os mais variados elogios ao local e ao enquadramento do Acampamento considerado como excepcional.

Antes de mais, não podemos deixar de esclarecer que a organização do 24.º Acampamento Nacional esteve a cargo do Clube de Campismo e Caravanismo de Barcelos, em conjunto, claro, com a nossa Federação de Campismo e Montanhismo de Portugal.



Desta parceria, criou-se uma comissão executiva, que trabalhou e tornou possível este Acampamento Nacional.

Realizaram-se vários tipos de actividades, tais como espectáculos musicais, excursões e visitas históricas e outras, jogos populares, marchas, tasquinhas, visita à Quinta Pedagógica, provas de pesca e até de escalada. Sim… de escalada. Foi com muito gosto que aceitei o convite da Federação e do CCCB, para montar, animar, promover a escalada, através de uma parede de escalada artificial, dentro do Parque de Campismo.

Para terminar em beleza a divulgação desta modalidade, organizámos uma prova de escalada de velocidade que teve bastante participação, antes, durante e depois das provas. De realçar que a modalidade/actividade foi muito concorrida, e descobriu-se muitos novos valores. Posso adiantar que os finalistas das várias faixas etárias foram exclusivamente femininas, e maioritariamente do CCCB e do Clube de Campismo da Trofa.

Devo agradecer a colaboração do Jorge Amorim, também do CCP (da Secção de Montanha, tal como eu) pelo apoio e dinamização na parede de escalada. Bem-haja!

Participaram muitos Clubes no Acampamento, conseguindo-se mais de 600 participantes. Na generalidade, o Acampamento, correu muito bem, com mais ou menos participantes nas actividades, tendo sido um grande sucesso.

Aguardamos com ansiedade pelo próximo. Bem-haja o CCCB e a FCMP!

Nuno Prisco

9.º GRANDE ACAMPAMENTO INFANTIL DO C.C.P.

Eram 8.30 horas de 15 de Julho e já era grande o bulício no "prado das cabaninhas"!

Àquela hora, já algumas dezenas de crianças acompanhadas pelos pais e outros familiares aguardavam com ansiedade o início da confirmação de inscrições, distribuição de brindes, atribuição de bandeiras das selecções, envergar de t'shirts e colocar bonés na cabeça e, finalmente, o conhecimento dos monitores que nesse fim-de-semana acompanhariam ininterruptamente cada uma das equipas com nomes das selecções que atingiram os quartos de final do Mundial de Futebol. É que o tema do pedipaper deste ano foi "O Campismo e o Mundial de Futebol", razão pela qual as 74 crianças foram distribuídas pelas "selecções" de Alemanha, Argentina, Brasil, França, Inglaterra, Itália, Portugal e Ucrânia.

Seguiu-se a caminhada até ao local onde já estava montado o Acampamento e após o resguardo dos sacos com roupas e objectos pessoais, foi formado um círculo junto ao mesmo onde foram desfraldadas as bandeiras do Clube e da Federação na presença do presidente da Junta de Freguesia de Esmoriz, do presidente da Federação de Campismo e Montanhismo de Portugal, do presidente do nosso Clube e de outros membros dos seus órgãos sociais.

Cantada que foi a Marcha dos Companheiros, as individualidades presentes dirigiram breves palavras de incentivo à miudagem e deu-se o inevitável: o abandono do Acampamento por parte dos papás e a preparação das equipas para o pedipaper.

E, tal como programado, às 11 horas partiu a primeira equipa para fazer um percurso de cerca de 1.500 m dentro do Parque de Campismo onde, além da primeira prova prestada no complexo desportivo – a marcação e defesa de penáltis – tiveram de procurar as respostas certas para 23 perguntas direccionadas para um melhor conhecimento do Parque. Dois percursos diferentes percorridos intercaladamente por cada uma das selecções de forma a evitar encontros entre si e a "acumulação de trânsito" finalizaram no próprio acampamento onde foi feita a segunda parte do questionário de 36 perguntas sobre o Mundial de Futebol apelativas à memória visual e mental de cada uma das crianças.

Após o almoço (coxas de frango com batata frita, salada mista, sumos ou água e bolo de chocolate) que foi partilhado pelo presidente da Junta e pelo presidente do Clube, foi o lavar de loiças e o início da animação proporcionado por actividades lúdicas orientadas por quatro animadores culturais. Entretanto, o imenso calor que se fazia sentir, levou os responsáveis pelo acampamento a anular o percurso pedestre que estava previsto até ao parque de merendas do Buçaquinho, pelo que, em alternativa, todos rumaram ao "prado das cabaninhas", onde foi servido o lanche. Já de forças retemperadas, há que rumar de novo ao Acampamento para dar continuidade às actividades de animação e fazer os preparativos para o jantar que foi servido às 19.30 horas.

Desta vez, coube ao presidente da Federação, juntamente com o nosso presidente acompanhar a degustação dos panados de porco com arroz de cenoura, aconchegados por uma peça de fruta como sobremesa.

Antecedendo a merecida soneca, houve um "fogo de campo" simulado, dada a proibição da Direcção dos Serviços Florestais de fazer fogueiras no local, o qual se iniciou e terminou com as canções da praxe e foi na sua totalidade preenchido por exibições de *karaoke* e *hip-hop*.

Domingo de manhã, a alvorada, o pequeno-almoço e os jogos (não tradicionais), mas do tipo de "jogos sem fronteiras" que decorreram em clima de muita alegria e animação e se prolongaram até ao momento de ser servido o almoço composto por carne assada com batatas, salada e um bolo semi-frio de morango.

Já com o final a aproximar-se, lá foi a petizada lavar a loiça, arrumar as suas mochilas e juntar-se perto das bandeiras que foram arreadas com as pequenas vozitas cantando sentidamente "*É só até à vista!*" Ou melhor dizendo: "*É só até ao décimo!*" ■

C. Azevedo

NÚMEROS DO "9.º" INFANTIL DO C.C.P.

Iglôs	- 31	Directores	- 3
Canadianas	- 3	Conselheiros/as	- 11
Familiares	- 2	Monitores/as	- 8
Outras	- 1	Animadores	- 4
		Médica	- 1
		Enfermeira	- 1

CANTAR AS JANEIRAS

Há mais de 7 anos que o Parque de Campismo de Esmoriz não vivia um dia assim...

A tradição não se perdeu, mas nos últimos anos não tinha saído da gaveta nem ultrapassado os desejos.

Este ano, o Pelouro da Cultura e Recreio decidiu - e em bom momento o fez - apostar na reactivação da história e conseguiu-o com um sucesso espelhado em cada campista que se fez presente na noite de 7 de Janeiro no restaurante do Parque.

Mais do que qualquer palavra possa expressar, o momento fica para a eternidade, assim como toda a satisfação de todos os campistas, a quem agradecemos pela presença e pelo entusiasmo. Foram muitos. Movidos pelo espírito natalício e ainda com as *Canções do Menino* na ponta da língua, os presentes - muitos deles curiosos ou simples adeptos do *Cantar as Janeiras*, aderiram em massa ao convívio e deixaram-se levar pelo momento.

Cantaram e encantaram, e entraram no ritmo imposto pelo Rancho Etnográfico de Esmoriz - vestidos com os trajes que nos fizeram reviver a época na íntegra -, e presenteou-nos com as suas músicas e dançares. Uma noite memorável. Ao grupo que nos proporcionou esses agradáveis momentos, aqui ficam os nossos mais sinceros agradecimentos.

A surpresa e a recepctividade de todos os presentes orgulhou-nos e nem sequer faltaram as habituais iguarias de Natal, como o *pão-de-ló* e o *bolo rei*.

Ernesto Soares

BAILE DE CARNAVAL

Numa organização do Pelouro Cultural e Recreativo, realizou-se na noite do passado dia 27 de Fevereiro, na sala de lazer do Parque de Esmoriz o tradicional Baile de Carnaval, o qual, segundo opiniões insuspeitas se traduziu num êxito dada a enorme afluência de companheiras e companheiros e a folia por eles demonstrada.

Integrado no próprio Baile e já próximo das 23 horas, procedeu-se ao desfile de fantasias infantis que reuniu bastantes participantes, sendo distribuídos 4 prémios aos concorrentes que melhor fantasias apresentaram.

Por sua vez, os adultos, invejando o desfile de crianças, decidiram ocupar a "passerelle" e exibir também algumas vistosas e originais fantasias.

C. Azevedo

FIM-DE-SEMANA DA SAÚDE

O Fim-de-Semana da Saúde no Parque de Esmoriz, teve lugar nos dias 6 e 7 de Maio último, começando com uma conversa informal sobre o Cancro da Mama. A iniciativa partiu do Pelouro Cultural e Recreativo, contando com a presença da Dra. Cristiana Fonseca, do departamento de Saúde da Liga Portuguesa Contra o Cancro, que nos falou sobre os cuidados e prevenções a ter nesta matéria.

Tivemos também o apoio de três voluntárias do Instituto de Oncologia do Porto que, amavelmente, ofereceram o seu testemunho sobre a doença e esperança de vida. Após o colóquio e no dia seguinte, alertámos os campistas interessados para os perigos da hipertensão e do açucar no sangue. Fizemos um rastreio, no qual, alguns puderam constatar que nem tudo está bem...

Com esta iniciativa, tentámos passar a mensagem de que a nossa saúde tem prioridade e nunca deve ser descuidada.

Helena Costa

DIA MUNDIAL DA FLORESTA

Dia 19 de Março de 2006, foi a data escolhida para uma vez mais se comemorar no Parque de Campismo de Esmoriz, o Dia Mundial da Floresta, vulgo, "Dia da Árvore".

A comemoração, este ano contou com as prestimosas colaborações da Direcção de Florestas de Entre-Douro-e-Minho (Amarante) que graciosamente nos cedeu 30 árvores bébés para plantação (acéres e vidoeiros) e da Direcção de Entre-Vouga-e-Douro (Arouca) que para além da oferta de alguns exemplares de pinheiros bravos, disponibilizou através de um seu responsável, o eng.º Agronónomo Pedro Serafim (por sinal um vizinho de Esmoriz) a boa vontade e paciência para num domingo chuvoso palestrar a dezena e meia de crianças sobre o tema da importância da árvore para a sobrevivência do planeta, os cuidados a ter com a sua preservação e expansão, etc..

Digamos que foi uma "aula" extremamente simpática e nada aborrecida que cativou pequenos e menos jovens, uma vez que o Conselho Técnico Cultural e Recreativo e outros Directores do Clube, gostaram do que ouviram e sobretudo acompanharam o momento mais importante do dia que foi o acto de cada criança plantar uma árvore em local previamente determinado.

E, em termos de remate final, veja-se a actual criança, feita homem ou mulher, a apontar o dedo para uma árvore e dizer a alguém: *Esta plantei-a eu!*

C. Azevedo

DIA MUNDIAL DO LIVRO INFANTIL

Pela primeira vez, foi comemorado no Parque de Campismo de Esmoriz o "Dia Mundial do Livro Infantil", tendo-se registado a participação de cerca de duas dezenas de crianças que muito atentas ouviram a educadora Dra. Alzira Lopes, contar-lhes de forma eloquente e participativa as histórias dos "Ovos Misteriosos", "O Elmer" e "O Peixinho Arco-Íris".

Seguidamente, a miudagem entreteu-se a fazer desenhos alusivos às histórias que lhes foram contadas, assim como os mais crescidos meteram mãos à obra e preencheram um grande livro colectivo.

Esta actividade terminou com a distribuição de livros infantis a todos os participantes que gentilmente nos foram oferecidos pela "Editora Verbo", bem como um marcador de livros realizado e feito no respectivo Conselho Técnico.

Queremos por último expressar o nosso agradecimento à "contadora de histórias" pela disponibilidade e simpatia demonstradas.

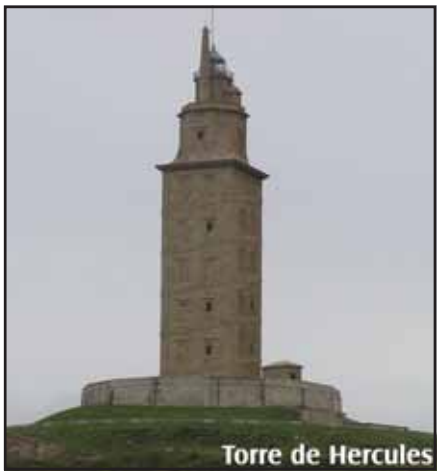
C. Azevedo

EXCURSÃO À CORUNHA

Noventa e nove companheiros, unidos por 2 autocarros, participaram, em 8 e 9 de Abril passado, num excelente convívio proporcionado pela realização de um fim-de-semana na Corunha, evento organizado pelo Pelouro da Cultura e Recreio numa estreita colaboração com a *Roma Tours, Viagens e Turismo*, cuja eficiência e profissionalismo demonstrados, continuam a merecer a nossa preferência.

Após a partida do Porto, às 9.30 horas, verificou-se uma paragem de 45 minutos para uma passeio pelo interior das velhas muralhas de Valença, seguindo-se a viagem até Vigo onde almoçámos e fizemos algumas compras. Depois, foi a viagem até à Corunha e a instalação no excelente hotel *Husa as Galeras*!

À noite, houve saída para a movimentada corunhesa que permite a milhares de jovens espanhóis desaguar na famosa praça de *Maria Rita*, uma heroína local, do tipo da nossa *Maria da Fonte*. Foi aí que, cerca das 23 horas, chegou a mensagem da vitória dos Dragões em Alvalade o que provocou uma onda de alegria (quase) generalizada entre campistas/excursionistas, levando os mais entusiastas a gritar a plenos pulmões, *POOOORTO*, perante o olhar espantado de *nuestros hermanos* que aqui ou ali não deixavam de acompanhar os gritos dragoniamos.



No dia seguinte foi proporcionado um passeio turístico pela via marítima com visita à *Torre de Hercules* onde os, e as mais afoitas, subiram os seus 245 degraus para se deleitarem com uma maravilhosa panorâmica da cidade e do oceano Atlântico e passagem pela praia e estádio de *Riazor*.

Degustado que foi um péssimo almoço, composto por um vegetariano arroz cru e frango assado no forno, arrancámos em direcção a Sanxenxo onde foi possível desfrutar dos quentes raios de sol que inundavam a baía. E, com as confissões apimentadas dos namoricos do Manuel Marinho (74 anos de boa disposição), lá fizemos a viagem de regresso até ao Porto, onde chegámos cerca das 21 horas. ■

C. Azevedo

DIA MUNDIAL DA CRIANÇA

O Clube de Campismo do Porto associou-se ao Dia Mundial da Criança que, como recordarão, se comemorou a 4 de Junho passado.

No terreno verdejante, anexo às traseiras da recepção do Parque de Esmoriz, foi criado um original e bem concebido cenário que serviu de palco à peça infantil "O Princípe com Orelhas de Burro", levada à cena pelo Grupo de Teatro Renascer.

Trajados a rigor e com verdadeiro espírito teatral, de fazer inveja a actrizes e actores profissionais, os jovens intervenientes não se pouparam a esforços para cativar e manter atentas as dezenas de crianças que assistiram ao espectáculo. Conseguiram-no na perfeição.

Se o local escolhido para o evento foi o melhor, o tempo deu também uma preciosa ajuda. O sítio é fresco, arvorizado e com muito relvado o que fez esquecer o calor intenso que se fazia sentir. Sentadas na relva, muito juntinhas e colaborantes, as nossas crianças quase não pestanejavam. Assim se mantiveram durante todo o espectáculo findo o qual, a organização entendeu e, quanto a mim, com muito bom gosto, distribuir por todos umas recordações, tais como t-shirts, balões e lápis.

Há que esclarecer que as t-shirts foram simpaticamente oferecidas pelo "De Borla", a quem publicamente apresentamos os nossos sinceros agradecimentos.

Foi um dia recheado de coisas boas, tanto mais que a manhã culminou com uma escultura de balões e danças interactivas. Embora a minha atenção estivesse praticamente voltada para a peça teatral e para a atitude entusiástica das crianças, verifiquei que a esta festinha se associou, igualmente, o professor Alcides Alves, presidente da Junta de Freguesia de Esmoriz, para além, obviamente, de elementos da direcção do nosso Clube.

Para finalizar, seria de total ingratidão, da minha parte, se não referisse a elevada participação dos adultos, quer fossem pais, avós ou simplesmente amigos.

Chamo ainda a vossa particular atenção para a casinha recém inaugurada, destinada às crianças e implantada na zona comercial do Parque. Tudo o que é pequenino tem encanto e este pequenino espaço está um amor. Vale a pena espreitá-lo. Parabéns!

Aníbal Artur Silva

ARTESANATO EM ESMORIZ

Mostra e venda de artesanto de couro e metal

Dentro da linha a que nos propusemos prosseguimos, com mais uma mostra de venda de artesanato.

Foi no passado dia 1 e 2 de Julho, tendo como principal figurante o artesão de Gondomar, senhor António Jorge Fernandes, que com os materiais com que trabalha - o couro e metal - presenteou a curiosidade de imensos campistas com trabalhos repletos de originalidade.

C. Azevedo

Mini-feira de artesanato

Desta feita, foi aquilo que podemos designar de um em três! Daí que classifiquemos a mostra realizada em 22 e 23 de Julho, como uma mini-feira de artesanato.

Deliciaram a inúmera afluência de campistas com os seus belos trabalhos, os seguintes artesãos:

A companheira Maria Eugénia apresentou e executou trabalhos em lã e algodão tricotando tapetes, carteiras e outros.

O artesão da praia de Esmoriz, senhor José Matos, apresentou-nos trabalhos em madeira, executados com canivete, de onde sobressaíram barcos típicos, palheiros, animais e outras esculturas.

Mostra de fabrico de vidro da Marinha Grande

Nos passados dias 10 e 11 de Junho, foi levada a efeito no "prado das cabaninhas", uma mostra e venda de vidro (peças artísticas e bijutaria) sob responsabilidade do Artesão da Marinha Grande, Licínio Sousa.

Este tipo de actividades, realizado pela primeira vez no Parque, insere-se na busca de incrementar actividades culturais, no caso, dando a conhecer uma arte secular que em tempos não muito distantes fez da Marinha Grande um pólo de interesse industrial classificado como dos principais da Europa.

Registe-se a enorme afluência de visitantes que mostraram muito interesse pelas peças expostas e pelo seu fabrico. O Pelouro Cultural e Recreativo continuará a procurar, ainda este ano, desenvolver actividades do género.

C. Azevedo

Por sua vez, a dra. Teresa Lucas para além de "aulas práticas" que proporcionou a pequenos e graúdos (metendo o bichinho em alguns deles) executou e expôs colares de pedras e quartzo, peças em prata indiana, mini-presépios e decoração de tecidos para além de outras curiosidades.

C. Azevedo

Cultura

FONTES DO VOCABULÁRIO PORTUGUÊS

Em nomes de rochas, apenas três, aqueles de que mais facilmente podemos depreender as localidades que lhes originaram o nome: **alasquito**, **andesito, monchiquito**,

No que respeita a –ismos… imaginem a quantidade! Se com o sufixo grego **–ismo** se podem construir palavras de tantas… espécies!

Desde doenças, como **albinismo, cretinismo, dafnismo, daltonismo, kneippismo, lesbismo**… … até ideologias políticas! Isso é um nunca mais acabar! Só alguns, pouquinhos, exemplos, dos que me parecem mais frisantes: **cabralismo, castrismo, degaulismo ou gaulismo, franquismo, gonçalvismo, guterrismo, hitlerianismo, leninismo, mussolinismo** e o pior deles todos, em todos presente: o **maquiavelismo**.

Mas o **-ismo** está presente em quantas e quantas palavras que designam sistemas filosóficos e literários e religiões. Dentre duzentos e dez nomes, escolhi oito: arianismo, cartesianismo, cinismo, confucionismo, cristianismo, filintismo, gongorismo, petrarquismo,

Nomes de localidades e de personalidades também são dados a rochas. Ao menos na minha opinião, é também uma honra ter o nome imortalizado, nem que ele fique agarrado a um calhau: aragonite, baquelite, cristobalite, franklinite, smithsonite, vesuvianite.

(Escolhi estas seis de entre cento e quarenta).

Será conveniente recordarem o texto inicial (Há quanto tempo ele foi publicado!!! Releiam-no, façam-me esse favor!)

Assim, todos poderão verificar que muitas palavras há escritas em itálico.

E chegar à conclusão de que essas palavras estão relacionadas com a última parte do trabalho que estive a escrever-lhes até aqui.

Com a derivação imprópria. Com as palavras que deixam de ser substantivos próprios para descerem à categoria de substantivos comuns. Ou de serem derivados delas, pelo acrescentamento de um sufixo.

Reparem na ***persiana***, que vem de Pérsia (mas em vez de ***persiana*** podia ter escrito ou dito ***veneziana*** que ali significaria o mesmo).

Nicotina vem do nome do embaixador francês em Lisboa, Jean Nicot, que por cá esteve desde 1559 a 1561, e a quem a Europa deve o precioso bem que muito pode agradecer-lhe de ter introduzido o tabaco no nosso continente. Pelo menos a Tabaqueira e outras organizações criminosas congéneres bem gratas lhe devem estar.

Alpinismo – dos Alpes (podemos substituir a palavra por ***montanhismo***). ***Malabarismos*** – da zona indiana do Malabar, onde esses jogos de mãos, pantominas, se praticam.

Molossos, dobermans, galgos, pequineses, dálmatas, rottweilers, nomes de cães que dizem a sua origem. ***Perus, galinhas-da-índi, garnisés, galinhas-d'angola, faisões***, lá têm, mais disfarçados ou mais patentes a informação acerca da sua proveniência.

O ***garnisé*** tem origem na ilha anglo-normanda de Guernesey. O ***faisão*** deve o nome ao rio Fásis, na Ásia Menor. O coitado do ***peru***, esse, tem uma história atribulada: A propósito lembrarei que, em francês, o nome dinde dado a este bicho - cuja antipatia pela época do Natal é deveras compreensível... - provém exactamente da expressão poule d'Inde, nascida quando ainda às Américas se dava o nome de Índia Ocidental.

Animal azarento, este **peru**! Como vimos, nós chamamos-lhe **peru**, por, desde o século XVI, nos termos convencido de que ele provinha desse país. De resto, "o Peru seria a região americana mais popular entre nós e a tal ponto que **Peru** passaria a designar a América espanhola (DE-JPM). Nas Américas, o que não fosse Brasil, era... **Peru**.

Mas o desgraçado do bicho até é proveniente do... México! Mas isso, como costuma dizer-se, já era Marrocos, e a generalização do nome de um país a todo o grande continente resultou em que esse nome servisse para designar o animal que de lá viria. Mas se as desgraças do avejão ficassem pelo Português e pelo Francês... Mas não! Os Ingleses chamam-lhe "turkey", nome da Turquia, e reparem que de início o nome (que é uma abreviatura de **turkey-cock** - galo-da-Turquia- ou de **turkey-hen** - galinha da Turquia - foi dado à **guinea-fowl**, cujo significado é, como se está mesmo a ver, **galinha de Angola**.

(Só um aparte: a ave designada por **pintada** é também conhecida como **galinha-de-angola, galinha-da-guiné** e **galinha-da-índia**).

Com a língua alemã, também o pobre bicho não é muito feliz: além de lhe chamarem Truthahn e Truthen, também lhe chamam **Pute** e **Puter**. Não acredito que a fêmea justifique tais designações. Mas os Alemães lá terão as suas razões. Deixemos o triste **peru**, que só tem a mórbida consolação de morrer com a **perua**... ■

Magalhães dos Santos

(continua no próximo número)

JEAN DE DIEU SOULT

DUQUE DA DALMÁCIA - MARECHAL (1804)

SAINT-AMANS - LA COUNTRY HOUSE (TARN), 1769 - ID, 1851

UMA DAS MAIS BRILHANTES CARREIRAS MILITARES DE TODOS OS TEMPOS

Sendo o filho mais velho, era esperado que Soult desse continuação ao trabalho dos seus pais como notários. Prefere antes aos 14 anos inscrever-se no Exército Real. O seu primeiro pré serviu para salvaguardar bens mobiliários da sua família. Depois de dois anos de serviço, deixa as armas e tente fazer carreira como padeiro mas realista-se o mais rapidamente.

Em 1789, adopta ideias revolucionárias e vai subindo na hierarquia militar. Em 1794, com 25 anos, chama a atenção por volta da batalha do General Brigadeiro Fleureus e é nomeado. Dois anos mais tarde, é reconhecido pela batalha de AltenKirchen (4 de Junho de 1796).

Em Setembro de 1799, torna-se major general do exército da Helvécia, toma parte na vitória de Zurique sobe o comando de Massena. Segue este até ao Exército Italiano e toma parte na defesa de Génova, enquanto Bonaparte atravessa o colar do Largo-Saint Bernard.

No final de 1800, é encarregado pelo Primeiro Cônsul de pacificar Piemont. Em 1802, Soult torna-se Coronel General de Infantaria Ligeira da Guarda Consular e um fervoroso Bonapartista.

O advento do Império (1804) trouxe-lhe títulos e glória. É nomeado Marechal a 19 de Maio e grande Oficial da Legião de Honra.

No Campo de Controlo de Sain-Omer, Bolonha, forma o Quadragésimo Corpo da Grande Armada, impondo uma disciplina severa aos seus homens. É o início de uma reputação implacável que lhe vale o apelido de 'ferro' pelos soldados.

O seu Corpo Armado tem um papel essencial na época da batalha de Austerlitz (2 de Dezembro, 1805), ao tomar controlo da plataforma de Ptratzen. Napoleão expressou-lhe a sua admiração, descrevendo-o como «o primeiro manobrador da Europa», Soult toma então parte na campanha da Prússia e Polónia e sai ilustre em particular em Iéna (14 de Outubro, 1806) e em Eylau (8 de Fevereiro, 1807). Em Junho de 1807 toma a cidade de Koenigsberg.

Em 1808 acompanha Napoleão a Espanha. De facto, como Duque da Dalmácia, controla o 2.º Corpo da Grande Armada, inicialmente vitoriosa, avança sobre Portugal, impondo o seu comando. Wellinghton quebra as esperanças de Soult ao 'batê-lo' com a conquista do Porto. O Marechal francês 'vinga-se' com Ocaña a 19 de Novembro de 1809.

Soult como Major General de Joseph é reposto no trono espanhol, consegue subjugar a Andaluzia em 1810 e torna-se governador desta província. Em 1812 é forçado a retirar com as vitórias de Wellinghton.

Em 1813, depois de uma curta passagem pela Alemanha, Soult é enviado novamente a Espanha para defrontar Wellinghton. Não conseguindo parar o General inglês cujas forças são 4 vezes superiores às suas, tendo de voltar a atravessar os Pirinéus. Em 27 de Fevereiro de 1814 o desgastado Orthez resiste com tenacidade, retardando o avanço de Wellinghton com todos os meios possíveis. Em Toulouse, em Abril, sustenta-se com 25000 homens contra 100000 até às notícias de abdicação do Imperador.

Sob o reinado de Luís XVIII, Soult torna-se Ministro de Guerra. Napoleão de regresso da Ilha de Elba perdoa-lhe as declarações anti-bonapartistas, Soult é descrito então como «usurpador» e «aventureiro» é colocado como Major General do seu exército.

Se Soult não atingiu a eficiência de Berthier, luta no entanto com bravura em Waterloo de 15 a 18 de Junho de 1815.

Depois da derrota retira-se para o seu castelo de Soulberg juntamente com uma maravilhosa colecção de obras de arte espanholas, fruto das pilhagens. Os seus protestos não dariam nenhum efeito junto do Rei. Seria perdoado em 1819 e ser-lhe-iam restaurados os títulos no ano seguinte.

É sob o reinado de Luís Filipe que Soult tem o seu verdadeiro papel político. É inicialmente Ministro de Guerra depois Presidente do Concelho.

Em Abril de 1838, é o Embaixador de França na coroação da Rainha Vitória em Inglaterra.

É o prelúdio de uma carreira como Ministro dos Negócios Estrangeiros, depressa interrompida pela capacidade superior do seu adversário, Thiers. Thiers conhecido como "Foutriquet", viu o seu mandato terminado ao fim de apenas oito meses, sendo sucedido por Guizot.

Soult é então nomeado Presidente do Concelho, posto que ocupou sem interrupção desde 1840 até 1847.

Em 1847, o velho Marechal retira-se definitivamente, com o glorioso titulo de Marechal General vindo a falecer a 19 de Novembro de 1851 na sua Vila natal, hoje denominada Saint Amans Soult, apenas alguns dias antes do golpe de estado depor Napoleão III (1808-1873), sobrinho de Napoleão I. ■

Correio do leitor

POESIA

CAMINHOS DA VIDA

Vou devagar
Porque tenho pressa
Por este caminho eu vou lá chegar
É no fim da estrada que tudo começa
P'ra depois, enfim poder descansar
Foi este caminho que um dia escolhi
Disse o coração, que era o mais certo
Foi de pedra em pedra que o percorri
E o fim da estrada, já está tão perto.

MÃE

Todo o mundo tem um céu
Ter Mãe é ter uma estrela
É ter do mar uma onda
De entre todas a mais bela
Ter Mãe é ter um caminho
Por onde possas seguir
Não ter Mãe é caminhar
Sem saber p'ra onde ir.

VELHICE

Ser velho não é defeito
E também não é pecado
É sentir dentro do peito
Um coração já cansado.
Ser velho é ser alguém
Com coisas para ensinar
É dar aos novos, conselhos
Sem medo de se enganar
Ser velho é ter da vida
Um sentido bem diferente
Com a pele envelhecida
Ainda ri de muita gente.

Quando a morte um dia
A esta luz me tirar
Partirei com alegria
Para a luz de outro lugar.

Manuela Sárria Vasconcelos

DIFERENTE MANEIRA DE SENTIR

FOI O NOME QUE ACHEI MAIS CERTO PARA ESTE MEU LIVRO DE POEMAS E VERSOS.

NESTE LIVRO DOU A CONHECER, TODAS AS MINHAS FORÇAS E TODAS AS MINHAS FRAQUEZAS.

É ESCREVENDO QUE ALIVIO O ESPIRÍTO.

NESTES POEMAS DIGO TUDO O QUE SINTO E TUDO O QUE ME VAI NA ALMA. É UM LIVRO SIMPLES MAS, MUITO SENTIDO.

A TODOS OS COMPANHEIROS QUE O LEREM, O MEU MUITO OBRIGADA.

MUITO MAIS HAVERIA PARA DIZER DESTA MINHA MANEIRA DE ESCREVER, MAS FICARÁ PARA UMA PRÓXIMA OCASIÃO.

MUITOS DOS COMPANHEIROS, CERTAMENTE QUE ME CONHECEM, OS OUTROS CONHECER-ME-ÃO QUALQUER DIA, EM BREVE QUEM SABE.

UM ABRAÇO PARA TODOS.

Manuela Sárria Vasconcelos

OS AMANTES DE TALMA

PORTO PROFUNDO

EM JEITO DE APRESENTAÇÃO

Quando um dia «sonhei» que podia adaptar para o Teatro textos publicados em livros do Professor Helder Pacheco, não hesitei e, publicamente, numa das sessões do Amasporto - Encontro de Teatro Associativo - que organizamos desde 1995, onde estava presente aquele autor, contei o facto. Uns acharam «o sonho» apenas um sonho, outros esperaram para ver.

Aproximaram-se as férias de Agosto (digo, uma pausa no trabalho) e, à bagagem estival/familiar, juntei a pequena máquina de escrever portátil AEG OLYMPIA - "Uma Traveller de luxo" - e cinco livros: *Porto: da Outra Cidade; Os Dias Portuenses; Sítios, Lembranças, Emoções; Memória e Esquecimento* e *Intimidades Portuenses.*

Como deve calcular, caro leitor, «passar uma pausa no trabalho» é, para mim, saudável, porque gosto de pegar no carvão, na caruma, nas pinhas e assar umas sardinhas compradas junto à praia dos pescadores. Estou a falar do Parque de Campismo de Esmoriz, onde aprendemos a solidariedade e o companheirismo que o Campo nos ensina, pertença de uma das mais carismáticas associações da Cidade, o Clube de Campismo do Porto.

Foi portanto ao ar livre que bati nas teclas da "Traveller de luxo" construindo os diálogos e narrativas dos 60 personagens e figurantes do trabalho inserido neste livro.

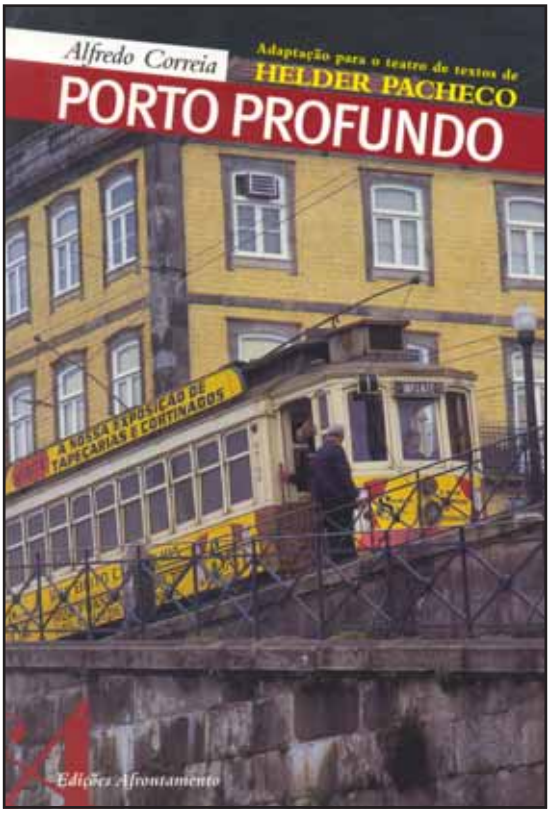
Assim, acabado o tempo de pausa, vi o meu "sonho" concluído no título ***Porto Profundo,*** onde encontrei as humanidades do Autor, as palavras e os gestos das gentes, o cheiro das ruas e lugares desaparecidos ou diferentes.

A ideia que me levou a adaptar para o palco aqueles textos foi principalmente a forma como Helder Pacheco defende orgulhosamente a sua (nossa) Cidade, e o encanto com que descreve a vida da gente e suas intimidades, feitas de rostos, frases, risos, desesperos e vozes. Vozes que retraíam a Cidade desde a Sé do poeta/bombeiro/barbeiro Carlos Bessa, passando pela Foz de Raul Brandão, até à outra Cidade, ao Porto Profundo.

Caro leitor: tal como no Teatro, vamos fazer de conta que acabou de entrar na Associação 26 de Janeiro, ali mesmo em Ramalde, na Rua de Requesende. Antes de subir as escadas de pedra que o levam à Sala de Teatro, pode passar pelo balcão do bar, apreciar a sala-convívio e as vitrinas com algumas recordações associativas e outras colocadas nas paredes. Caso não o faça, pode então subir e, ao cimo, encontra uma porta (aberta) de ferro e chapa, que lhe dá acesso à Sala. Pode sentar-se em qualquer cadeira vaga.

Dentro de momentos o espectáculo vai começar. Pode entretanto ler o programa que lhe foi dado, observar o aspecto cenográfico e as luzes difusas que se espraiam na cena. E, sim senhor, pode ver por que não usamos a Cortina da Boca de Cena. É Cena Aberta.

Neste fazer de conta, à sua direita (no palco a esquerda do actor), vê uma casa térrea, de janelas pequenas, com cortinas brancas rendadas, daquelas, poucas, que ainda se vêem por aí, nas ruas do Burgo. Ao fundo-centro, vê um livro com o título do espectáculo, cujas páginas - telas pintadas - servem de fotografia dos lugares e ruas, onde decorrem alguns Quadros teatrais, como se o espectador o fosse folheando.



Apagam-se as luzes. Escuro total.
Entra a gravação do Hino da Cidade
interpretado pela Banda de Ramalde.
Na capa do livro (adereço cenográfico), a luz
de um projector realça o título.
A luz, no palco, ilumina o centro da cena.
O Teatro vai começar.

Se o Teatro nos dá estas regalias e o privilégio de as viver, se é no Teatro que recebemos carinho, apoio e incentivo, encontramos e fazemos amizades, ouvimos e sentimos o aplauso do público, é impensável não amar o TEATRO, não dizer AMASPORTO, não sentir apaixonadamente o PORTO PROFUNDO.

São estes momentos de felicidade que nos fazem voltar a olhar o fundo do espelho, em busca dos sonhos ali deixados e não realizados, sempre na esperança de que a próxima jornada irá encurtar a viagem deste sonho inacabado chamado TEATRO ASSOCIATIVO.

E se em tal conduto genuinamente Portuense se levantarem as vozes do coração, então estamos certos de que os ingredientes que cozinhamos são do vosso agrado e vos servimos, nesta ceia, um prato de HUMANIDADES cujo falar é da GENTE. ■

Alfredo Correia

BOM DIA AUSTRÁLIA

Relato de viagem atravessando a Austrália numa moto e acampando em excelentes parques ou no meio do deserto

11 Agosto de 2005

Acordo do meu sonho, na minha tenda, ao som duma fantástica orquestra, com milhares de músicos executando uma sinfonia sem maestro, que torna o espaço pequeno onde me encontro, um favo numa colmeia que se derrete ao sol em mel e luz, e que milhares de aves de dezenas de espécies enchem com os seus voos e cantos.

É verdadeiramente surpreendente esta combinação. Saio da tenda com o *sunrise* logo que os primeiros contornos de cor começam a preencher o B&W da noite.

De novo com a minha *MotorBike* agora toda revista, parto para um reconhecimento das praias de *Darwin*. Fui para *Magens Bay* e percorri um bom bocado da costa vendo as praias de grandes extensões de areal e arribas recortadas em amarelo ocre sobre as águas do Pacífico em azul-turquesa, cálidas e calmas. Um banho aqui, um banho ali, até que cheguei a uma praia de naturismo. E é claro um banho nu. Delicioso. Era Inverno, estava deserta.

No dia seguinte e conforme previsto saí de manhã cedo tipo 6 horas, sem máquina fotográfica, sem mapa, e na companhia da minha *dreamstar*.

Depois de 80 ou 90 km de estrada paro em *Noorramah* para tomar o pequeno-almoço, e logo à frente aparece o entroncamento para *Liechfield Natural Park*, opto por uma estrada que aparece num folheto, que atravessa todo o parque, 160 km em terra em estrada larga e boa que convida a abrir e sentir a mota a passar-se debaixo das nossas pernas, vibrando e pulando de pedrinha em pedrinha lateralmente, uma delícia, a curvar a 120, 130 km/h e ainda a ver a nuvem de pó pelos retrovisores.

A mota passa à reserva, começa a verdadeira aventura, até aqui foi fácil. Estou no meio do nada e pelas indicações só encontro gasolina a 100 km, como me disse um pescador que na travessia dum rio pescava de cima da sua *pick-up*. Tendo-me explicado que estava em cima do carro para se proteger dos crocodilos que atacam de surpresa e muito rapidamente, o que me deixou logo a olhar a toda a volta, a imaginar que pudesse aparecer um crocodilo e eu estava ali no chão como salsicha em pacote, era só dar uma chinca, sigo caminho rapidamente mas agora a 40 ou 50 por hora de modo a poupar ao máximo a gasolina. Alguns 30 km depois passo próximo dum grupo de casas e dirijo-me a algo que pode ser uma igreja ou uma escola, e aparece o Richard que gentilmente se prontifica a arranjar-me alguma gasolina, e quase que acaba por me atestar o depósito. Vamos conversando e descubro que isto é uma missão católica que desenvolve um projecto dirigido aos Aborígenes desta região. Sou então convidado para falar numa aula com o professor e alguns alunos, e depois visito em sua casa um casal de Aborígenes ele um *dingo*, ela uma *emu*, que me dão alguns esclarecimentos sobre o *Dreamtime*, como as demarcações de fronteiras, por árvores, pedras e olhos de água, a posição e importância do *Elder*, a ligação de cada um com o seu animal, cão, cobra, crocodilo, águia, falcão, corvo, e começo a pôr as questões que mais me importam, relativas ao sonho e a viagem parafísica do corpo sonhador.

Trocámos cigarros e informações sobre como encontrar o *Ngurijta* ou *Elder* e obter autorização para penetrar nos territórios sagrados. Sou abençoado para a minha viagem por estes missionários da Tasmânia. Sigo viagem e logo a seguir aparece o alcatrão e a minha 600 voa a mais de 140 sem esforço ou risco, plano em direcção ao paraíso, onde chego logo a seguir.

Wangi Falls, são umas belíssimas cataratas que formam uma piscina natural fantástica e deliciosa. 15 quilómetros depois, umas setas apontam umas quedas de água a 9 km, só para 4WD, como estou de moto nem hesito, os primeiros quilómetros são um pouco difíceis com areia fofa, mas lá vou andando devagarinho, até que aparece uma lagoa para atravessar com um marco de profundidade, 60 cm, sou obrigado a parar antes de entrar na água para avaliar se passo ou não, e logo que ponho o pé no chão em cima de cascalho miúdo, o pé resvala e a mota cai ao chão e eu fico em pé a olhar para ela. Nem sequer caí, só mesmo a mota. Meia dúzia de tentativas para a levantar do chão e nem a mexo, quanto mais pô-

la em pé. Encharcado em suor, dispo o fato, luvas e capacete e recupero o fôlego. Quando me preparo para acender um cigarro e esperar que alguém apareça para ajudar a levantar a moto, reparo que a gasolina está a verter em bica, fecho a torneira, mas não pára e já em desespero agarro na bicha e indo buscar forças ao Dreampower levanto-a e calço-a com o descanso. Tinha agora que a fazer recuar 3 a 4 metros a subir ligeiramente, mas a tracção das botas no cascalho solto não deixa mexer nem meio metro. Bem pelo menos posso esperar que apareça alguém para ajudar, não verte gasolina e está em pé e o 1.º que vier tem mesmo que ajudar senão não passa. Acendo então o tal cigarro que ia servir para tomar fôlego e agora vai servir para me acalmar e começar a pensar nos crocodilos que podem aparecer das margens, debaixo das pedras ou dos troncos do *bush*.

Decido pôr a mota a trabalhar e virá-la em 1.ª, deixando resvalar a traseira e fazer 1/4 de pião, e estava mesmo a ver que a ia deixando cair outra vez, mas lá consegui virá-la. Chega uma família num *Honda CRV* que ao ver a situação já nem tenta passar, e saem para me ajudar. Entretanto a mota está a falhar e até já nem pega, a bateria parou ou algo se passa, serão as velas encharcadas?

Prontificam-se a ajudar com um empurrãozinho mas logo que me preparo para a operação retiro o descanso lateral, as luzes acendem-se e a mota pega. Deixo-a a trabalhar, visto-me e despeço-me da família *Honda. Sayonara*!

Mais uns 30 km e passo pela *Table Rock Swan* sem parar e pelo *Buley Rock Hole* e vou às cataratas de *Florence Falls* onde depois duma descida dum penhasco por uma passerelle muito bem feita, chego a uma lagoa onde caem umas quedas de água com 10 metros. Que rico banho!

Uma água deliciosa, transparente, sobre rochas vermelho ocre com pequenos peixes, e ainda uma queda do outro lado, com 20 metros de altura escondida pelo ângulo que faz a reentrância do semicírculo que se prolonga. O perfume natural que enche o ambiente e que é produzido pela vegetação ou pelas rochas embebendo o ar duma fragrância extremamente agradável. Lindo, lindo. As moscas é que são chatas, parece Trás-os-Montes batemos-lhes, mas não nos largam e ferram...Passo ainda pelo *Buley RockHole*, um autêntico SPA natural, e sigo para *Bachelor*. Pelo caminho ainda paro num parque de campismo que tem um Buda em Terracota, e como um gelado e refresco-me de mais de 30ºC de temperatura do ar e no alcatrão estão certamente mais de 45 ºC. Procuro dormida nos 3 parques de *Bachelor* e fico no segundo, *Jungle Drum Bungalows*, e alugo uma *cabin* por AU$50 para recuperar das noites seguidas a dormir no chão da tenda e os dias sentado em cima da mota entre 10 e 12 horas. Tenho um jantar como convidado do Herb e da Jo, donos do hotel.

Levantei-me no dia 13 de Agosto depois de 12 horas de cama com 2 interrupções durante a noite para tomar um chá da primeira, e um café com leite da segunda e escrever a minha recapitulação. Depois do pequeno-almoço às 8,30 paguei, dei uns toques no grampo do elo da corrente da mota, atestei o depósito e fui para a *Stuart Highway*.

Segui em direcção a Sul para visitar Katherine onde descobri as *Hot Springs*, umas águas quentes naturais que brotam do subsolo e onde tomei o meu banho de saúde e boa disposição. Depois sigo para as Katherine Gorges, e chego mesmo a tempo de ver o pôr-do-sol sobre as águas onde claro tomo mais um banho. Aí pude finalmente fotografar cangurus. A minha alegria é imensa. Cai a noite e regresso à cidade cerca de 30 Km que faço colado a um carro para evitar acidentes com animais, que podem aparecer na estrada. Em especial os cangurus que a partir do *Sunset* procuram o alcatrão para se aquecerem. Eu que distraído não vesti o casaco, apanho um bocado de frio, mas em 15 m chego a um restaurante onde estou a comer um belo *steak* com *chips* e salada que acabei mesmo agora. *Bill and pay*. Tem piada, agora que tenho a Bíblia que me deram ontem dá-me para de vez em quando abrir à sorte e ler um parágrafo ou dois, e são incríveis as leituras interpretativas que me saem. Deus *like a star* está comigo.

14 Agosto - Depois do jantar, ontem à noite em Katherine, decidi andar mais 100 km mesmo de noite até *Matarranka* a terra do *never never*, e para evitar cangurus colei-me a uma *pick-up* e foi sempre a abrir. Tudo correu bem, e chegado ao Hotel pediram-me AU$ 85 e não aceitei, fui procurar outro e saí da estrada principal em direcção ao *Milestone Resort*, dentro do *Elsey National Park*. Nesta estrada secundária de noite os cangurus eram tantos a atravessarem-se na estrada à minha frente que acabei por bater num, controlei bem o embate e prossegui sem sequer parar, mas já não passava dos 20 ou 30 à hora. Cheguei ao *Milestone Homestead Resort* e arranjei um quarto *backpacker* por AU$ 17, onde dormi até às tantas da madrugada. Sem relógio, nunca sei as horas, e então quando acordo a meio da noite, é impossível calcular. Estudei as instruções da minha *Nikon* e dei uma volta lá por fora, mas estava muito frio e não havia sinais de luz no horizonte, voltei para a cama e deitei-me vestido e calçado com botas. Quando acordei estava a começar a clarear e fui ver o parque, tendo encontrado umas *Thermal Springs Pool's* com água a 34.ºC que estava coberta com a neblina do vapor que se desprendia da superfície. Uma água límpida, que deixava ver os fundos destas piscinas naturais, onde logo que entrei, logo pensei, não saio mais daqui.

Que banho…uma delícia, o paraíso do prazer da água. Estive só, entre as 6 e as 7 horas da manhã e então chegou uma senhora de muletas que me fez companhia. Às 8,30 quando saí, já muitos enchiam as piscinas. Um prazer único e inolvidável. Só que também não esqueço que quando saí da água quente, senti muito frio e até tive que fazer uns exercícios para aquecer. Arrumei as trouxas e arranquei. Tendo esquecido os óculos em cima da cama o que me obrigou a voltar para trás meia dúzia de quilómetros depois.

Sigo cerca de 100 km e chego a Daily Waters o bar mais antigo da Austrália, um ícone do século XIX, com muito movimento, de turistas e aborígenes, onde fiz muitas fotos e onde quatro miúdas que se vestiram à maneira antiga para festejar a ocasião, um momento singular e divertido. Segui até Elliot onde estou a acabar de comer um excelente *T-bone* depois de ter tomado um banho refrescante numa piscina de água gelada e cheia de cloro. Um café duplo e um cigarro na beira da piscina e está a andar. *On the road again*! Na boleia duma *Toyota Hiace* chego a *Renner Springs Desert Hotel* e é só fotografar passarinhos.

Ok! Para explicar o que aconteceu a seguir, tenho que relembrar que foi o único sítio onde tinha colado um autocolante da ***IMAGE-IN***, ao fazer o percurso entre *Melbourne* e *Darwin*, e onde estando esgotada a gasolina me cederam uns litros para seguir viagem.

Feito este parêntesis, agora já havia gasolina, e depois de atestar o depósito, arranquei e não andei mais de 200 metros, partiu-se a corrente que faz a transmissão e fiquei parado no meio do deserto a mais de 120 Km da cidade mais próxima *Tennant Creek*. Depois de procurar debalde o elo perdido por umas duas horas, decidi montar a tenda e ficar ali, até porque não tinha outra alternativa. Aparece então o George Laurie, 74 anos, ex-carpinteiro que tem no seu 4x4 tudo que é ferramental e a caixinha dos milagres, que tem tudo que não serve para nada. Então com a minha ajuda constrói um *link* para a minha corrente a partir duma dobradiça duma porta, e fico com a mota pronta a andar já ao pôr-do-sol. *Ok!* Vou jantar, escrever para casa e ouvir música, mas passado algum tempo está o pessoal todo à minha volta a ouvir as minhas histórias, músico incluído.

Finalmente quando fazemos as despedidas o músico vai ao palco e canta sobre a música dos Doors – *Riding on a Storm*, mas numa versão que não conhecia de *A Killer on the road* e compõe uma quadra dedicada ao *crazy Dreamkeeper*.

No dia seguinte arranco de manhã cedo muito devagarinho para ver se chego a *Tennant Creek* onde decerto posso encontrar solução para a corrente. Paro de vez em quando para afinar a corrente e evitar maiores esforços, até que chego a *Banka Banka*, um parque de campismo do Jim, que tem uma oficina e começa por sugerir soldar aquela treta toda para eu poder chegar à cidade. Depois lembra-se que tem que ir tratar uns assuntos e passar por casa dum amigo que poderá ter correntes velhas, e fico então à espera que ele regresse. Entretanto, já com fome procuro comprar algo que se coma, e estava tudo fechado, adiei a fome. Desmonto a corrente para contar os 105 elos, tiro as referências da cremalheira 45-E *rear*, e estou nestes preparos quando uma simpática senhora me veio trazer uma bela duma sandes de frango com alface e tomate, e umas bolachinhas de chocolate que marcharam como um banquete acompanhado de coca-cola. Chega, entretanto, o Jim e o Barry e conseguiram um elo, completo, e novinho em folha para eu montar e seguir viagem. UAU…eu nem quero acreditar. O Barry que é um ex-funcionário do Departamento de Justiça, e viaja com uma *Kawasaki 650*, decide ir comigo até *Tennant Creek* para me apoiar, e assim seguimos muito devagarinho para evitar esforços na corrente. Nada encontrando em *Tennant Creek* que pudesse resolver o problema em definitivo, seguimos para *Alice Springs* em direcção ao Sul e ao pôr-do-sol, acampámos na berma da *Stuart Highway*, num *spot* onde acendemos uma fogueira e fizemos um jantar e dormimos com toda a tranquilidade.

No dia 17 acordei como de costume tipo 5 da manhã e logo acendi um fogo para me aquecer, porque aqui no meio do deserto faz um frio de rachar durante a noite. Quando o Barry se levanta tomámos o pequeno-almoço e seguimos sem incidentes a parar de 50 em 50 km até *Alice Springs*. Onde me instalo no *Melanka Backpackers Hotel* num quarto dormitório com um csloveno o Mathias e um catalão o Jordi. Depois dum chuveiro vou à rádio CAAMA enviar uns mails e à saída mando uma tremenda cabeçada na ombreira da porta que só depois de apanhar os óculos e os restos de mim mesmo, fiquei a saber que tinha o sobrolho a deitar sangue e estava completamente grogue. Não perdi o apetite e depois dum spray milagroso que a Manela me tinha posto na *nécessaire* convidei o Barry para jantar e comemos muito bem, 1 *steak* eu e o Barry um *peixoto* com uma cerveja cada um. Vamos dar um passeio a pé pelo *mall* do centro de Alice e compro um *canvas* a uma aborígene. Um original.

Dormi muito bem, os companheiros de quarto não ressonam, e não fazem barulho nenhum respeitando o sossego de cada um. Escrevo um pacote de postais para enviar aos amigos. Levanto-me pelas 5 horas e tomo um duche antes de voltar para a cama à espera que o sol nasça para descer e tomar o pequeno-almoço. Às 8,30 está já o Barry à minha espera à porta do Hotel. Às nove horas estão a trabalhar na *Yamaha* para mudar a *rear sprocket* e a *front sprocket* and a *new chain*…e às 11 horas a mota está *impek*. Enquanto faziam o serviço comprei pilhas e esticadores, e o Barry foi ao supermercado reabastecer, depois comprei um colchão e um *camelbag* para a viagem e arrancámos pelas 11,30 para ULURU, onde chegámos sem incidentes e com uma interessante paragem na *Camel Farm*, onde tive uma excelente lição de simbologia na arte aborígene.

Encontro dois *crazy men* que vêm de *Darwin* em patins em linha até ULURU. 2000 km em patins através do deserto… não acredito! Chegámos ao *AyersRock resort* e acampámos mesmo ao fim do dia, comer e falar com o pessoal até às tantas. Foi com a Emma de Londres, técnica de *ligthning* em espectáculos, foi o *Elad Peer* de Israel, militar e obtuso sobre religião e anti-islamismo. Fui dormir às quinhentas, nem sei bem!!! ■

(continua no próximo número)

Porfirio Dreamkeeper
(http://dreamkeeper2005.blogspot.com)

VENDE-SE

ROULOTTE
Lotª p/ 5 pessoas. C/ recheio. Instª N 60. Contactar: José Mendonça Tel. 229685452 (depois das 18h).

CARAVANA CARAVELAIR
De 12/2003. Lotª p/ 6 pessoas. Como nova. C/ avançado + recheio + wc + chuveiro. Instª C 16. Contactar: Álvaro Ferreira. Tm 918265882.

ROULOTTE CARAVELAIR
Lotª p/ 4 pessoas. Preço a combinar. Como nova. Instª N 106. Contactar: Nuno. Tm 914048101.

ROULOTTE
Lotª p/ 4 pessoas. Preço: 1.000 Euros. C/ avançado + cozinha + recheio. Instª A 25. Contactar: Américo Botelho. Tel 226189925. Tm 968250436.

CARAVANA ADRIA
Lotª p/ 4 pessoas. Preço a combinar. C/ 1 cama casal + 1 beliche c/ aquecimento + wc completo + toldo mecânico + extras. Instª N 25 (Esm.). Contactar: Benvinda Mieiro. Tm 918107681.

VENDE-SE

ATRELADO TENDA
Lotª p/ 4pessoas. Preço: pela melhor oferta. Instª D 78. C/ avançado + cobertura plastificada. Pronto a circular na via pública. Contactar: Carlos Sousa. Tm 934725702.

CARAVANA VIMARA 430/CS
Lotª p/ 5 pessoas. C/ 2 camas casal + beliche + wc (sanita) + roupeiro + antena e instalação interior tv + cozinha completa c/ fogão + frigorífico. Totalmente revista em 2005. Instª N 55. Contactar: Flávio Santos. Tm 937289811

ROULOTTE CARAVELAIR
Lotª p/ 4 pessoas. Preço a combinar. C/ avançado + 2 camas casal + janelas protecção térmica + wc completo + ar condicionado + aquecedor + frigorífico + cozinha exterior completa + mobiliário PVC e madeira. Instª A 62. Contactar: Pereira - Tm 962607852 / Gabriela Vieira - Tm 914320588.

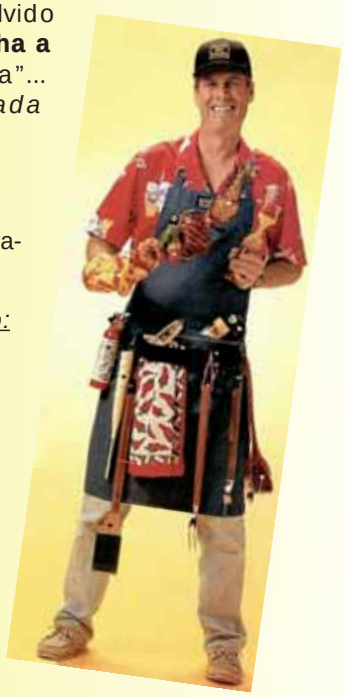
Moral da história:
Um amigo, mesmo que não seja capaz de te levantar...
... Arranjará uma forma de não te deixar cair...

A CHURRASCADA

É, normalmente, durante as férias que podemos convidar uns amigos para conhecer o parque de campismo e aproveitar para fazer uma Churrascada.

Talvez porque há um certo risco envolvido na actividade, **este é o único tipo de cozinha a que um homem se deve dedicar**: "A cozinha fora de casa"...

Contudo, não é tarefa fácil. Quando um homem aceita fazer uma Churrascada para os amigos, põe-se em marcha uma cadeia de acções:



1.º - A mulher compra os alimentos;
2.º - A mulher faz as saladas, prepara as batatas fritas, o arroz e a sobremesa;
3.º - A mulher prepara a carne para ser cozinhada, tempera-a, coloca-a numa travessa e leva-a ao homem que já está à espera ao pé do grelhador, de cerveja fresca na mão.

Aqui vem a primeira parte realmente importante da questão:

4.º - **O homem coloca a carne na grelha**;
5.º - A mulher vai para o avançado e põe a mesa;
6.º - A mulher apercebe-se que o homem está com os outros homens a contar anedotas e vem cá fora a correr a avisar que a carne se está a queimar;
7.º - O homem aproveita e pede-lhe mais uma cervejinha fresquinha;
8.º - A mulher vem cá fora trazer a cerveja e uma travessa...

... E é então que aparece a segunda parte importante do processo:

9.º - **O homem tira a carne da grelha e entrega-a à mulher**;
10.º - Depois de comerem, a mulher tira a mesa, lava a louça, arruma a cozinha e lava a grelha;
11.º - Toda gente dá os parabéns ao homem pela fantástica refeição que ele preparou;
12.º - O homem pergunta à mulher se lhe soube bem o tempo de folga de que usufruiu

E, perante o ar chateado dela, conclui que há mulheres que nunca estão satisfeitas com nada.

Parque de Campismo de Penedones (*Montalegre*), 7 a 10 Junho 2007

Organização do Clube Campismo do Porto e Clube Campismo Caravanismo de Chaves

GUIA DE PARQUES DE CAMPISMO

No seu clube é + barato 20% desc.

Roteiro Campista

Todos os parques de campismo portugueses com taxas e características.
Secção de alojamento complementar
Inclui mapa de estradas

P.V.P. ..... 5,95€
Na F.C.M.P. ou Clube..... 4,76€

Guia de Camping FECC

Inclui todos os parques espanhois e uma selecção de cerca de1000 parques europeus e mapa de estradas da Peninsula Ibérica

P.V.P. ..... 15,90€
Na F.C.M.P. ou Clube... 14,31€

Camping Europe du Sud

3200 parques seleccionados do Sul de França, Espanha, Itália, Grécia, Portugal, Eslovénia, Croácia, Turquia e Andorra.

P.V.P. ..... 13,90€
Na F.C.M.P. ou Clube... 12,51€

Guide Officiel de France

Todos os parques de França (cerca de 11000). Mapa de estradas com a localização dos parques.

P.V.P. ..... 16,20€
Na F.C.M.P. ou Clube... 14,58€

roteiro campista

NOVIDADES 2006:

- Novos Parques
- Parques reabertos
- Nova simbologia
- Novos pontos turísticos
- Gastronomia regional

ENVIO GRATUITO PELO CORREIO
NÃO FAZEMOS ENVIOS À COBRANÇA
Envie-nos o custo do(s) guia(s) que desejar (P.V.P.) em cheque ou vale de correio à ordem de Roteiro Campista e receba-o(s) em sua casa.
Pedidos para: ROTEIRO CAMPISTA APARTADO 3168 1301-902 LISBOA
Tel. 21 364 23 70 Fax 21 361 92 84

www.roteiro-campista.pt Info@roteiro-campista.pt
PARQUES DE CAMPISMO - CARAVANAS - AUTOCARAVANAS - TENDAS
RESIDENCIAIS - ACESSÓRIOS - ALUGUERES
O PORTAL PARA AS SUAS FÉRIAS

BORGES MENDONÇA & Companhia, Lda.

rua nau trindade, 72
4000-354 Porto
tel.: 22 5366603
fax.: 22 5366603
tlm. 96 4003246
tlm. 96 2342312
tlm. 96 6133913
e-mail: borges.mendonca@sapo.pt

TIPOGRAFIA
OFFSET
artes gráficas
A imprimir desde 1960
ENCADERNAÇÃO
CRIATIVOS

TRATAMENTO DE IMAGEM • IMPRESSÃO EM VINIL E PVC • IMPRESSÃO DIGITAL
FOTOCOMPOSIÇÃO • FOTOLITOS • CARIMBOS

Comércio e Reparação de Caravanas, Lda

Fornecedor de Sonhos com Qualidade

caravanas

autocaravanas

autocaravanas

autocaravanas

autovivendas

residenciais

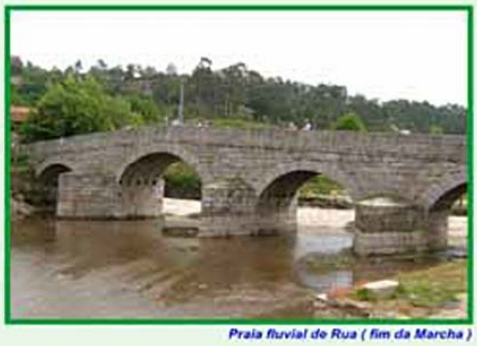
- Trav. Monte Godim, S/N.º 4451-801 **Leça da Palmeira** Telefone: 229 998 850 Fax: 229 998 859
- Rua da Pena, 132 4470 **Maia** Telefone: 229 601 549 Fax: 229 998 859
- Est. De Manique, 775/8 Manique de Baixo 2765-475 **Alcabideche** Telefone: 214 452 516 Fax: 214 446 205
- E.N.2 N.º68 Vila Chã de Sá 3510-936 **Viseu** Telefone / Fax: 232 954 851
- Camping 2000 - Rua da Douroana, 80/86 Ponte da Pedra - Regueira de Pontes 2400-926 **Leiria** Tel/Fax: 244 861 611
- www. campinanda.pt • geral@campinanda.pt

XI Marcha Nacional de Veteranos

Amarante, 30 de Setembro de 2006

Igreja Românica de Gondar (inicio da Marcha)

Subida para Picotos (a meio da Marcha)



Praia fluvial de Rua (fim da Marcha)

É com manifesta satisfação que o Clube de Campismo do Porto, organiza a 11ª Marcha Nacional de Veteranos. (organizámos também a 2ª em 1997, na Serra do Açor)

Desta feita escolhemos a região de Amarante, onde iremos percorrer partes de duas Rotas nas faldas da Serra do Marão. A Rota do Marancinho e a Rota de S. Bento. A totalidade do percurso ronda os 14 quilómetros.

O PR1 "Rota do Marancinho", deve a sua designação ao facto de uma boa parte do percurso se desenrolar junto à ribeira com o mesmo nome, por um lado, e, por outro, porque o topónimo "Marancinho" (Marãozinho) faz lembrar o Marão, uma das grandes referências do património natural desta região.

Iniciaremos a nossa actividade junto á igreja românica de Gondar. Este percurso faz-se, em grande parte, por caminhos e veredas ancestrais, incluindo um belo troço da antiga via romana que, por Amarante, ligava Tongobriga (perto de Marco de Canavezes) ao santuário rupestre de Panóias (a escassos quilómetros da cidade de Vila Real).
Alternando entre o vale e a montanha, decorrendo ora por entre culturas e pastagens, ora por entre matagais e pequenos bosques de pinheiros, sobreiros e castanheiros, o itinerário integra, não apenas uma fauna e flora rica e variada, mas também vários exemplares do património histórico-cultural da região. Percorreremos parte desta Rota, até entroncar no PR2 "Rota de São Bento", pelo qual prosseguiremos.
Um caminho íngreme, leva-nos ao topo da montanha, a 550 metros de altitude, no lugar dos Picotos. Chegados ao cimo, avistando já terras de Basto de um lado e, numa sucessiva ondulação de relevos, as serras do Marão e Aboboreira do outro, seguimos pelo cume da colina até entrar, um pouco mais à frente, num caminho secular, provavelmente dos finais da Idade Média, no final do qual e depois de passar pelas ruínas duma vetusta estalagem que servia de apoio aos viajantes e almocreves na sua longa e dura travessia do Marão, sobe-se, por um caminho aberto sobre a antiga via medieval, até á capela de S. Bento, onde, perante uma deslumbrante paisagem sobre o vale de Aboadela e as encostas agrestes da serra do Marão, poderemos, recuperar as forças e retemperar o espírito para o resto da caminhada.
Depois, por caminhos florestais que serpenteiam a encosta, inicia-se a descida para o vale de Aboadela até entrar, já no vale, num velho trilho que, em ambiente bucólico por entre campos laboriosamente trabalhados, nos leva até ás águas puras e cristalinas do rio Ovelha. Atravessado o rio e o IP4, chega-se finalmente, ao lugar da Rua, ou melhor, Ovelha do Marão.
Este lugar, cujas origens se perdem no tempo, é o mais emblemático deste percurso. Carregado de história e de estórias, constitui um conjunto arquitectónico que pela sua simplicidade e rusticidade surpreende qualquer visitante. Sede de Ovelha do Marão, conserva, no seu pelourinho, num cruzeiro seiscentista, na ponte de estilo românico, na fachada de uma pequena capela renascentista e na antiga Casa da Câmara, as memórias de um passado de glória.
E é aqui, na praia fluvial de Rua, que terminaremos a nossa jornada, após o que nos aguardará um lanche-convívio, no Parque do Penedo da Rainha.

Inscrições

As inscrições e respectivo pagamento devem dar entrada no Clube Campismo Porto até ao dia 25 de Setembro.
As inscrições entradas após 25 de Setembro, não se garante lembrança individual nem seguro de acidentes pessoais, devendo o risco ser assumido pelo participante.
As fichas de inscrição estão disponíveis no site da FCMP.

Taxa de Inscrição

Inclui: participação na actividade, estadia (de Sábado para Domingo) no Parque do Penedo da Rainha, galhardete, lembrança individual (*para Veteranos com mais de 40 anos*), lanche-convívio, visita ao Museu Amadeo Souza Cardoso.

Praticantes menores de 16 anos (inclusivé).... Isentos
Restantes Praticantes..... 10,00 euros

Programa

Local: Amarante
Ponto Encontro: Parque Campismo do Penedo da Rainha

29 Setembro
18.00h - Abertura do Secretariado

30 Setembro
08.00h - Reabertura do Secretariado. Inscrições de última hora.
09.00h - Saída dos Autocarros para local inicio da Marcha.
17.00h - Inicio do lanche-convívio

1 Outubro
durante a manhã: visita ao Museu Amadeo Souza Cardoso.

Patrocinador Oficial

Gaz de France

Câmara Municipal de Amarante

Apoios

IMAGINE

AGOSTINHO & SANTOS SILVA, LDA.
INDÚSTRIA DE MATERIAL PUBLICITÁRIO

Organização

C. C. P.

FEDERAÇÃO DE CAMPISMO E MONTANHISMO DE PORTUGAL - FCMP